

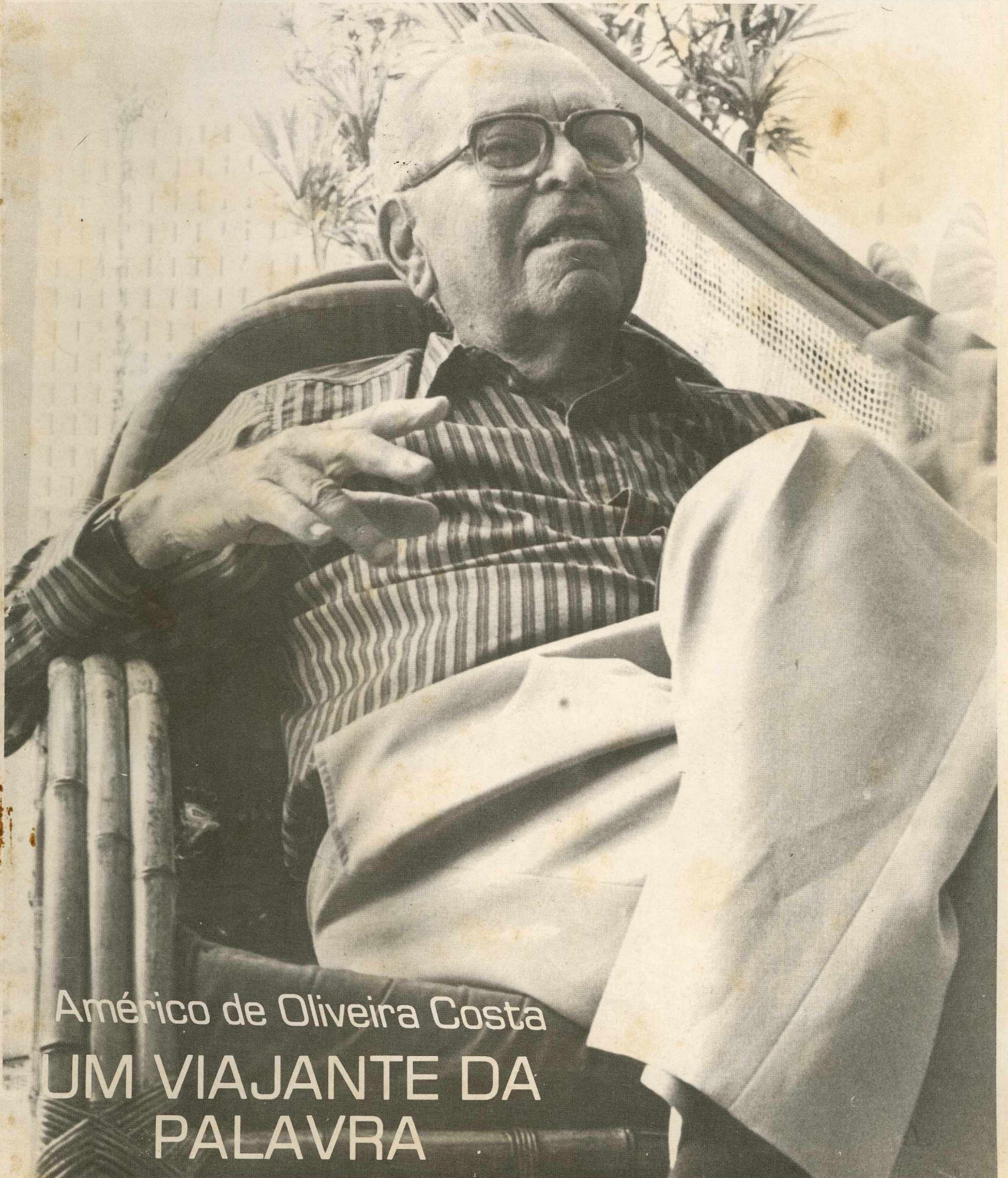
REVISTA DE CULTURA

O GALO

ANO V - Nº 02 - NATAL/RN - AGOSTO/92

Governo do Estado do Rio Grande do Norte — Fundação José Augusto

Cr\$ 5.000,00



Américo de Oliveira Costa
UM VIAJANTE DA
PALAVRA

**NOSSO
MAIOR
ORGULHO
É HONRAR
O NOME
QUE
TEMOS**

DUVBO



BANCO MOSSORÓ
O boa praça

Américo de Oliveira Costa - Uma Odisséia de Leitura

"A vida exige uma paixão". Como proferiu um dos habitantes mais estimados de sua biblioteca, o escritor Américo de Oliveira Costa excedeu o aforismo borgeano e aplicou à própria existência tão sublime emblema. Cercado até o teto por estantes abarrotadas de exemplares meticulosamente organizados, dividiu-se entre a leitura dos numerosos volumes, a companheira de anos de casamento D. Josefa, e a França, segunda Pátria e maior inspiração cultural. Aos visitantes que lhe batem à porta julgando inexpugnáveis seus arquivos literários, Américo proporciona fascinante excursão a centenas de autores universais, alguns representados por dedicatórias de próprio punho ao amigo norte-rio-grandense. São preciosidades com assinatura de nomes como Graciliano Ramos, Câmara Cascudo e até o General Charles De Gaulle. Limitar porém esse impressionante teórico da literatura à condição de "ensaísta", seria ignorar o quanto está lastreado o passado intelectual de Américo de Oliveira Costa, abertamente dinâmico e cosmopolita. Ele foi Secretário de Estado do Governo Sílvio Pedroza, e no auge da II Grande Guerra, Chefe de Gabinete do Governador Rafael Fernandes.

Macauense de nascimento, passou por Natal, Recife e chegou à Europa, onde encontraria a sua amada França. Pelo reconhecimento à sua obra (na qual inclui-se o prêmio "A Biblioteca e Seus Habitantes"), recebeu no início do ano o título de sócio do Pen Clube, do Rio de Janeiro, entidade formada por escritores de vários países.

Américo de Oliveira Costa, palrador e bem-humorado, recebeu a reportagem da revista "O Galo" em sua casa do Tirol, por mais de duas horas ininterruptas de gravação.

Por Rodrigo A.S. Britto



Américo de Oliveira Costa

● **O GALO:** Como se deu o seu interesse pela Literatura? Pode-se dizer que o Sr. passou por uma "educação literária" formal?

● **Américo de Oliveira Costa:** Desde menino gosto de ler, começando pelos infantis. Depois fui melhorando, lendo outros livros e revistas. Passei pelo Colégio Diocesano Santa Luzia e mais tarde aqui no Atheneu; em Recife cheguei a ser companheiro de um dos grandes críticos literários do Brasil, o grande Álvaro Lins. Fizemos juntos o curso de Direito.

● **O GALO:** Podemos considerá-lo um dos maiores estudiosos de Câmara Cascudo e sua obra; muito além disso, estão a amizade e o carinho pelo mestre que eram compartilhados com reciprocidade. O que o Sr. tem a dizer sobre aquele período?

● **Américo de Oliveira Costa:** Por volta de 1930 fui ser aluno do Atheneu e só me faltava duas disciplinas até entrar no Direito; entre elas estava a de História do Brasil que era a cadeira de Cascudo. Mesmo tendo cursado antes essa matéria, fiz questão de assistir às aulas dele; na época ele já exercia um verdadeiro fascínio aos estudantes pela maneira como lecionava, como interpretava os acontecimentos históricos e sobretudo pela maneira como tratava os alunos, cordial e afetuosamente. Minha admiração por Cascudo vem dessa época. Em 1931 fui fazer o curso de Direito em Recife, e quando voltei a Natal, assumindo cargos na política, as minhas ligações com ele aumentaram e comecei a frequentar a sua casa. Aproveitava para fazer as minhas primeiras anotações. Até a sua morte continuamos amigos e posso dizer que ainda escrevo sobre Cascudo. Era uma figura extraordinária; diria que um homem como Cascudo não nasce nem de século em século; sim, de três em três séculos, porque depois da sua morte não existe ninguém que se assemelhe a ele.

● **O GALO:** De todo esse imenso relevo, como homem e intelectual, o que o Sr. admira mais em Cascudo, o pesquisador, o dicionarista, o folclorista?

● **Américo de Oliveira Costa:** Eu admiro sobretudo a criatura humana que Cascudo foi, voltado para todos os assuntos referentes à Ciência do Homem. Todos os livros dele são essenciais. Cascudo é História, Cascudo é Geografia, Cascudo é Política, Cascudo é Administração e tinha uma grande visão universal dos acontecimentos. Cascudo foi uma espécie de fenômeno, e como já disse, na linha do horizonte é difícil aparecer outro semelhante. Gosto de compará-lo ao Cometa de Halley: aparece em períodos esparsos. Creio que só não teve mais projeção porque nasceu num estado pequeno, mas sua grandeza é universal. Nunca um homem conseguiu juntar tanta sabedoria; era um encanto conversar com ele. Lembro-me que sempre que chegava na casa dele nos tempos de estudante, tinha a impressão que estava atrapalhando seu trabalho; estava sempre às voltas com papéis, notas, livros. Felizmente gostou do livro que eu escrevi, chamando-me até de "meu Ticiano"

● **O GALO:** O Sr. é um dos maiores representantes da Cultura Francesa no Rio Grande do Norte. De que modo nasceu essa dedicação?



Américo de Oliveira Costa

● **Américo de Oliveira Costa:** Sempre gostei muito da língua francesa, de estudar Francês e de ler livros franceses. Quando veio a II Guerra e eu ainda servia ao governo Rafael Fernandes, engajei-me nesse movimento com um francês que aqui residia como representante da Air France, Marcel Gerard. Fundamos um comitê da França combatente em Natal e promovíamos festas para a Cruz Vermelha francesa, além dos artigos nos jornais. Daí comecei a me interessar por Literatura do país, que o Consulado francês me enviava. Essa paixão dura até hoje.

● **O GALO:** Frequentemente as traduções, principalmente na Poesia, geram descontentamento da parcela purista, adepta dos originais. O Sr. aprova a maioria das traduções para o Português, ou vê com certa desconfiança esse tipo de trabalho?

● **Américo de Oliveira Costa:** Bom, há um axioma italiano proveniente de Latim, "Traduttore es Traditore", ou seja, "Tradutor é Traidor". A arte de traduzir é uma coisa muito difícil; uma palavra do idioma francês isolada tem o seu correspondente em Português, mas às vezes essa correspondência não é total, e sim aproximada. Sobretudo na Poesia, onde o autor não é um romancista, a tradução exige estudo profundo até mesmo do estado de espírito do poeta no momento em que

escreveu. Isso não acontecia com a Poesia Clássica ou Romântica, onde eles diziam tudo mais claramente; os modernos são mais herméticos. Acontece às vezes com os poetas brasileiros; quantas vezes lendo-se Carlos Drummond de Andrade não entendemos o que diz à primeira leitura? Um desses poetas modernos disse certa vez a um jornalista: "no momento em que escrevi, só eu e Deus entendíamos. Agora, só Deus".

● **O GALO:** 'A Biblioteca e Seus Habitantes' é sempre um referencial nos estudos literários. Como nasceu a idéia dessa obra? O Sr. pode detalhar alguns aspectos da produção do livro?

● **Américo de Oliveira Costa:** Sei de um autor francês que aconselhava a ler com um lápis na mão, de maneira que seguiu essa regra que vem de Erasmo. Veio-me então a idéia de juntar essas anotações e elaborar o volume. Depois que um crítico observou a falta de nomes aos capítulos da primeira edição, tratei de preparar uma segunda, bem mais ampliada, com os capítulos intitulados. A capa original de Newton Navarro também foi alterada.

● **O GALO:** É otimista a sua análise do momento cultural na cidade?

● **Américo de Oliveira Costa:** A melhor posição para se colocar isso que você me pergunta, é se estar fora desse momento. O que estou vendo no Rio Grande do Norte são alguns artistas isolados; grandes figuras como Dorian Gray, entre outros. Lembro um grande romancista da minha geração, José Bezerra Gomes que escreveu 'Os Brutos'. Ele era de Currais Novos. Sei que é uma visão extremamente pessoal, mas sinto que estamos no momento sem um único grande poeta vivo, depois da morte de Drummond e Bandeira. A situação é a mesma no campo dos ensaístas e dos críticos literários. Você sabe que a Crítica Literária e o Ensino são indispensáveis à evolução de uma Literatura.

● **O GALO:** Agora com as comemorações dos 70 anos da Semana de Arte Moderna, o sr. poderia descrever as suas impressões a respeito desse acontecimento?

● **Américo de Oliveira Costa:** Observo nesses movimentos a situação dos chamados "arrivistas", pessoas que querem aproveitar o momento para posar de intelectual. Muitos se meteram a fazer Poesia Moderna no período, pelo simples fato de se poder escrever poesias sem rima ou métrica. Nada disso. O fundamental é ser

Poeta, saber se o trabalho contém uma emoção, se transpõe para o papel um momento especial do grande poeta, encontrar dentro do verso uma poesia. Às vezes apenas um verso define um poeta, não se precisa de muita coisa para senti-lo.

- **O GALO:** Dentro das suas predileções há espaço para a Música digamos, mais intelectualizada? Qual a sua visão sobre essa forma de Arte e em particular alguns movimentos como o Tropicalismo e a Bossa Nova?
- **Américo de Oliveira Costa:** A gente não pode servir a dois senhores. As minhas tendências convergem totalmente para a Literatura. Acho a Música fundamental ao homem. Se há uma Arte fundamental é a Música. A Música é algo que transcende a própria criatura humana, talvez até mais que a Poesia, porque contém verdadeiras iluminações.

- **O GALO:** E quanto à sua atividade nessa área? Existiu em algum momento o Américo de Oliveira Costa poeta ou romancista?
- **Américo de Oliveira Costa:** Tive uma formação literária meio sem orientação, escolhendo autores aleatoriamente. Repito que o Poeta

nasce; o sujeito tem tendência para fazer Poesia, e imaginação no caso do romancista. O crítico já possui o espírito analítico; cada um nasce com uma tendência para seguir seu próprio rumo. Sequer produzir um conto na minha vida; nunca tive imaginação para inventar uma história. Acho que a Poesia é destino, sensibilidade. Há muitos exemplos de pessoas que forçaram o caminho na Literatura, mas não na Poesia. Os livros que publico são mais de divulgação literária, do que propriamente criações originais. Não há nada que seja meu nesses livros, apenas identificação pessoal com os autores. Tenho amigos que insistem para que eu escreva qualquer coisa; divulgo o pensamento dos grandes nomes. Meu único trabalho foi o de traduzir e transcrever de acordo com o que foi dito.

- **O GALO:** Das suas obras produzidas, qual a preferida?
- **Américo de Oliveira Costa:** 'A Biblioteca e Seus Habitantes'. Foi um livro que me deu um trabalho imenso, e ao mesmo tempo grandes alegrias. Recebi muitas cartas de escritores. 'O Comércio das Palavras' não deixa de ser uma repetição da 'Biblioteca', uma continuação.



Américo de Oliveira Costa

AMÉRICO DEFINE ALGUNS NOMES DA LITERATURA

— **Charles Baudelaire:** "Comprei há pouco tempo um livro sobre ele, 'Os Últimos Dias de Charles Baudelaire'. Ele continua vivo na presença literária da França, porque 'As Flores do Mal' continua um dos grandes da Poesia francesa. 'Os Últimos Dias de Charles Baudelaire' trata da velhice dele numa cidade belga, e sua decadência. Fez parte de uma geração de grandes poetas, como Verlaine. Baudelaire é tão grande que não pode ser enfeitado numa escola que seria o Simbolismo; ele a tudo supera."

— **Jean Paul Sartre:** "Jean Paul Sartre hoje está, junto com o Existencialismo, em baixa na França. Digo isso por acompanhar algumas publicações. Mas ele teve o seu papel e o seu momento, sabendo aproveitá-lo muito bem, inclusive através daquela ligação sentimental com Simone De Beauvoir que também era grande escritora. Eu até diria que ela se safa melhor como escritora do que Sartre. Seus romances são muito melhores que os dele, com a ressalva de que ele era também um filósofo."

— **Machado de Assis:** "Continua o nosso grande escritor. Machado foi uma espécie de fenômeno da Natureza no Brasil. Para um menino pobre, mulato, gago, chegar às alturas que ele chegou... de ser respeitado como a figura mais alta da Literatura Brasileira. Fundou a Academia

Brasileira de Letras que é chamada até hoje de "Casa de Machado de Assis". O único problema é que nossos escritores escrevem numa língua de pouca difusão universal, ao contrário do Espanhol, do Inglês ou do Francês. Aonde se fala Português? Num pedacinho da Europa, Brasil, Angola e Moçambique. É uma língua sem irradiação, e isso dificulta a repercussão do mundo."

— **Rimbaud:** "Uma coisa impressionante é sua vida. Escreve uma poesia elétrica; é daqueles poetas que exigem estudo. Estudo das situações em que ele se encontrava para escrever aqueles livros. Certa vez um crítico francês mencionou que ninguém definiu Rimbaud melhor que ele mesmo num título de um livro, 'O Barco Bêbado'. Considero um poeta hermético e meio difícil. Sua leitura exige especialização para se interpretar o que ele quer dizer."

— **Euclides da Cunha:** "Tinha um estilo próprio, pessoal, inconfundível. Um estilo nervoso. Grande nome da nossa Literatura."

— **Georges Simenon:** "Há um certo preconceito em relação à Literatura Policial. Quando se fala nisso, pensa-se logo em Sherlock Holmes; Conan Doyle abafa todo o resto. Costumo dizer que toda Literatura evolui, seja Policial ou Romanesca, e Simenon é um romancista do nosso tempo; naturalmente ele não seguiu o mesmo caminho dos outros antigos."

Editorial

Fazer cultura num País onde as necessidades básicas da maioria do povo ainda constitui um ideal a ser alcançado, não é tarefa das mais simples. É preciso, antes de tudo, coragem e obstinação.

Mais que isso, de opção pela defesa da dignidade humana. Entendemos que o homem, por se constituir um ser inacabado, que está sempre em processo de evolução e de transformação, deve ser o sujeito de sua própria história. Entretanto, esse fenômeno torna-se inviável, se sua liberdade for cerceada e suas raízes culturais desprezadas.

A revista "O Galo", após um período de recesso, retorna neste momento essencialmente com o propósito de preservar, defender e divulgar os autênticos valores da cultura do povo brasileiro, com ênfase do norte-rio-grandense. Tal propósito identifica inequivocamente nosso pensamento de que o homem sem valorizar a cultura se descaracteriza enquanto ser que pensa, que faz e refaz seu saber, para, desta forma, atingir a plenitude de sua grandeza. Temos consciência de que o momento de crise por que atravessa nosso País cria obstáculos normais à nossa ação. Foi pensando nesta condição que buscamos o apoio imprescindível não só da iniciativa privada, mas também junto àquelas pessoas sensíveis às questões sócio-culturais, com seus artigos, matérias ou ensaios para enriquecimento da qualidade de nossa revista.

Nosso trabalho é feito de uma vontade enorme de acertar, de contribuir. Está aberto não à crítica pela crítica, mas àquela que pretenda somar.

O GALO CANTA, O GALO CONTA

O galo reaparece. Voltou após um tempo, pela força e obstinação de Socorro Trindad, escritora, jornalista de primeira categoria. Fez de tudo para que ele vestisse roupa nova. Saiu com os defeitos inerentes ao início de uma nova fase, mais belo e vibrante que só!

Problemas, problemas. E Socorro nos deixou apenas no primeiro número.

E aí veio Auricéia Lima, jornalista experiente, pesquisadora do nosso Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine e que instada relutou mas acabou aceitando o encargo.

E logo, logo começou a trabalhar, a formar uma base para todo um trabalho de editoração e sua continuidade.

Vai daí que o Galo vai cantar e eu conto essa parcela de sua história.

Lutas de tantas batalhas; falta de apoio e amparo; vitórias pelos esforços, pelos tantos amigos, pelos desprendidos que se ofereceram a nos ajudar.

Somente tomando consciência de que a cultura é a única forma de libertação do homem é que nos dispomos a batalhar pela continuidade da revista.

Voltando ao poeta José Martí de que mais vale uma trincheira de palavras do que uma de pedras, recomeçamos, com a fase de revista a construir essa trincheira.

Esforço que compensa, no apoio de tantos que nos acolheram na distribuição que desejamos ampla, em todas as Bibliotecas Municipais, para ser lida e discutida; para incomodar as pessoas e tornar-se fermento e depois crescer, servindo para mudar e tornar melhor o mundo.

É o que o galo canta e conta.

Auricéia Lima
IAPERI ARAÚJO

Presidente da Fundação José Augusto

SUMÁRIO

- 1 - Capa: Américo de Oliveira Costa
- 3 - Entrevista
- 6 - Editorial
- 7 - Memória (Mirian Coeli)
- 8 - História (Tiradentes)
- 10 - Teatro
- 11 - Modernismo
- 12 - Literatura
- 14 - Conto (Eulécio Farias)
- 16 - Imprensa
- 17 - Música
- 18 - Homenagem (Newton Navarro)
- 20 - Artes Plásticas
- 21 - Cinema
- 22 - Concurso
- 23 - Perfil (Otto Lara Resende)
- 24 - Dança
- 26 - Poesia
- 27 - Curso
- 28 - Comportamento
- 30 - Crítica
- 31 - Museu
- 32 - Ecologia
- 33 - O Galo Conta
- 34 - Cartas

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GOVERNADOR

José Agripino Maia

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Iaperi Araújo

CONSELHO EDITORIAL

Celso da Silveira

Edna Duarte

Franco Jasiello

Iaperi Araújo

EDITORA

Auricéia A. Lima - DRT - 257

DIAGRAMAÇÃO, PROGRAMAÇÃO VISUAL E ARTE FINAL

Gilberto Alves

Falves Silva

REVISÃO

José de Anchieta Xavier de Sousa

Ana Cristina de Carvalho

Afrânio Pires

CAPA - Gilberto Alves e Falves

Redação: Rua Jundiá, 641 - Tirol - Natal - Rio Grande do Norte - CEP 59.020 - Tel.: (084) 221-2938. A editoria de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião desta revista. Composição: Gráfica Manimbu. Fotoritos e impressão: Companhia Editora do Rio Grande do Norte-CERN.

AQUI, PEDAÇOS DE MYRIAM

DE CELSO DA SILVEIRA
SOBRE O "AQUI, MYRIAM"

M yriam Coeli chegou a Fortaleza, CE e está sentada na cadeira nº 56 da Casa Juvenal Galeno (Ala Feminina) como patrona da cronista e poetisa Inês Kaúla Santos Machado, que tomou posse no dia 17 de maio perante a presidente da ALA, Gisela Paches e mais de 120 intelectuais, amigos e jornalistas que lotaram o auditório.

Esteve presente, representando a família da poetisa homenageada, o escritor e poeta Celso da Silveira, que foi um dos oradores na ocasião. Falaram também, além de Inês Kaúla e a presidente Gisela Paches, o artista plástico (desenhista) Mário Kaúla que apresentou a sua irmã Inês, e o escritor Eduardo Bezerra, do Instituto Histórico do Ceará.

A parte declamatória, em que foram ditos poemas de Myriam Coeli, teve excelente desempenho da declamadora e poetisa (da Ala Feminina da Casa) Glice Alcântara.

Inês, ao lado do marido Anfilóquio Machado e dos filhos (e noras) Rafael, Emanuel, Daniel e Inis, foi muito cumprimentada pela sua abordagem da vida e obra de Myriam Coeli como jornalista, professora, cronista, poetisa e mulher, sob o título geral de "Aqui, Pedacos de Myriam Coeli".

Após a solenidade foram servidos salgadinhos e um legítimo suco de cajá, em área descoberta da Casa Juvenal Galeno.

O trabalho de Inês Kaúla será publicado no IV Volume da coleção "Mulheres do Brasil" - Casa J. Galeno - 1992.

O escritor Celso da Silveira escreveu a Inês Kaúla sobre o "Aqui, Myriam", o seguinte:

"Inês: Esse perfil de Myriam Coeli que escreveste, está lindo e irretocável.

Sei quanto é difícil alguém estudar, compreender e interpretar a obra de alguém a quem não conheceu. Quando os críticos literários ousam dissecar o que outros escreveram, geralmente incorrem em equívocos, adivinhando valores, formas e processos criativos que jamais passaram pela cabeça do autor analisado. Alguns chegam a descobrir intenções jamais sonhadas. O teu trabalho, não. Compõe-se de um hino de amor, como se houvera uma transferência de sentimentos que confundem os de Myriam ao teu próprio pensamento. Daí porque teu estudo sobre a mulher Myriam Coeli e a sua poética aparece valorizado na tua (injustificada) modéstia.

Mais uma vez Deus prova, por linhas tortas, que a inteligência é dom divino acima das exterioridades intelectuais de formação acadêmica. Aliás, a natureza das coisas postas no mundo por Ele já ensina que a reta não tem a beleza da curva: as plantas, animais e minerais movem-se em linhas sinuosas. Os corpos celestes, as nuvens, os rios, nenhum tem linhas retas. A reta é um caminho cego. Sem graciosidade.

Teus ensaios sobre Myriam Coeli adquiriram pela mágica mão que os compôs, esse sentido de beleza que faz do anzol mais belo que a linha; do arco mais belo que a flecha, do compasso mais belo que a régua.

O teu ensaio é a combinação maravilhosa de uma composição em régua e compasso, com retas e curvas que se harmonizam numa fascinante expressão de vida. Sinceramente ●

INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Otacílio Lage*

Limiar de uma independência
que o Brasil ainda não alcançou



Em meio a todos os motins, conspirações, revoltas e rebeliões ocorridos no Brasil Colônia, o primeiro a realmente manifestar com clareza suas intenções de ruptura com os laços coloniais foi a Conjuração de Minas Gerais ou Inconfidência Mineira. Os anteriores não passaram de reivindicações parciais, sem jamais terem em mira a independência em relação a Portugal. Não pelos seus resultados práticos, já que foi um movimento natimorto, mas pelo fato de exprimir a própria decadência do colonialismo luso, bem como o fluxo de idéias revolucionárias presentes em toda a América Latina nos anos posteriores, a Inconfidência assume, desta forma, uma singular importância no contexto do declínio do período colonial. Neste artigo, um pouco da história do movimento, que teve à frente Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, hoje transformado no 1º herói do País.

Há 246 anos, nascia numa fazenda nos arredores de São João Del Rey um menino logo batizado de Joaquim José da Silva Xavier, mais tarde conhecido como Tiradentes, um alferes que foi transformado em líder de um movimento revolucionário que pregava o rompimento do bloqueio que a espoliação colonial impunha ao desenvolvimento do Brasil, ou seja, a independência do País, e a industrialização, a partir da siderurgia, condições para a liberdade e o progresso serem realmente alcançados pelo povo brasileiro. A idéia da libertação de Portugal sempre esteve viva para ele, notadamente entre os 30 e os 43 anos, quando foi preso no Rio de Janeiro.

Interrogado ali, no dia 22 de junho de 1791, 10 meses antes de ser enforcado e esquartejado, ele, respondendo a uma pergunta de como pensava em chegar a uma república, disse: "Levantando-se o povo".

Quando a Coroa portuguesa instituiu, através de seus prepostos no Brasil, a derrama, muitos senhores de posse teriam que dispor de muitos bens para quitar seus débitos junto ao Império. Um deles, Joaquim Silvério dos Reis, foi ao Rio, procurou os 'homens do rei' e quis trocar a pele dos revolucionários pelo perdão do que a Coroa estava a lhe cobrar. O Visconde de Barbacena, no entanto, depois de 'aceitar' a delação de Reis, suspendeu

a derrama, mas nessa altura já tinha em mãos a relação dos nomes dos conjurados. O traidor de Tiradentes e seus companheiros buscou se enriquecer com isso, mas a Coroa passou a desprezá-lo. Morreu velho, paranóico e miserável, no longínquo Maranhão, depois de muitas idas e vindas a Portugal.

Tiradentes foi preso no Rio de Janeiro na noite de 10 de maio de 1789, no sótão da casa do ourives Domingos Fernandes da Cruz, na rua dos Lateiros, acabando na prisão da Fortaleza da Ilha das Cobras, onde foi submetido a dezenas de interrogatórios, em todos eles atestando sua inculpação em relação ao movimento. Seus inquisidores esperam seis meses para obter dele a confissão de que era o líder do movimento, mas nenhum nome ele delatou, nem do seu inimigo e também conjurado Tomás Antonio Gonzaga, apenas reafirmava em todos os interrogatórios, o último em julho de 1791, a fé na independência do Brasil e a repulsa ao colonialismo.

Nos Autos da Devassa está o testemunho do frei Raimundo de Penaforte, último confessor de Tiradentes antes dele ser enforcado no dia 21 de abril de 1792: "Joaquim José foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a própria natureza". O frei tinha suas razões para pensar dessa forma, principalmente de ouvir do líder da Inconfidência Mineira a frase, no momento em que a forca era colocada em seu pescoço: "Jurei morrer pelo Brasil e cumpro agora o meu juramento". Outro depoimento significativo é o do então espião do Visconde de Barbacena, Basílio de Brito Malheiro, que certa vez ouviu do seu patrão Manoel da Costa, o mais intelectual do grupo inconfidente: "Nas Minas não há gente, os americanos ingleses foram bem sucedidos, porque acharam três homens capazes para a campanha; e nas Minas não há nenhum; só o alferes Joaquim José, por alcunha o Tiradentes, anda feito corta-vento".

Tiradentes, logo depois dos 18 anos dedicou-se ao atendimento a pessoas do povo, arrancando-lhes os dentes, sem cobrar um réis sequer. O título de alferes era o equivalente a um de primeiro-tenente. Segundo Dimas Perrin, em seu livro "Inconfidência Mineira-Causas e consequências", Tiradentes tinha a convicção de que "numa república não há lugar para escravos", tanto que certa vez, em Minas Novas, Vale do Jequitinhonha, ao ver um mercador de escravos pisotear um negro, atracou-se com ele de imediato, aplicando-lhe uma pesada surra.

Militar de grande competência, Tiradentes foi comandante da guarnição da Serra da Mantiqueira e fez o levantamento geográfico do sertão mineiro. No Rio, planejou a canalização dos rios Andaraí e Maracanã, para resolver a falta de água diante da expansão urbana que previa para a cidade, mais tarde maravilhosa. Depois da independência, em 1922, muitos dos condenados ao desterro e à prisão perpétua por dona Maria I, a Louca, que comutou as penas de todos os envolvidos na conjuração, ficando apenas Joaquim José premiado com a forca e o esquartejamento. Voltaram ao Brasil. Um deles, padre Manoel Rodrigues da Costa, declararia na ocasião que "a alma do movimento da Inconfidência e quem preparava esse cometimento era o alferes do Corpo Militar da Cavalaria, Joaquim José da Silva Xavier, propagandista da idéia da Capitania e fora dela".

A dignidade de Tiradentes se evidenciou por duas vezes antes de morrer. Ao se dirigir à forca, instalada no Largo da Lampadosa, no Rio ele disse ao Frei Penaforte: "Se dez vidas tivesse, dez vidas eu daria", na segunda oportunidade, quando o seu carrasco, um escravo condenado à prisão perpétua, lhe pedia perdão pelo ato que iria praticar, respondeu com paciência e resignação samaritanas: "Cristo também morreu pela causa dos justos".

Hoje, 200 anos passados da morte de Tiradentes, os injustiçados no Brasil são muitos, milhões. O sonho de independência de Tiradentes ainda não alcançou a realidade que todos os brasileiros de bem almejam. Seu sacrifício abriu, sem dúvida, os caminhos para liberdade. Mas, diante da má distribuição de renda, das desigualdades, da penúria do povo, outros tiradentes se fazem necessários. O enforcado em 1792 é herói nacional; dos Autos da Devassa tiramos suas idéias e exemplo de dignidade e respeito à pátria. Seus brados ainda ecoam entre as montanhas das Geraes.

O país do presente está a nos exigir muita honradez, caráter e força de vontade. Chega de falar em 'país do futuro', temos que construir bem o presente, seguindo aquilo que nos foi legado por homens como Tiradentes, de cuja cabeça cortada pela espada do autoritarismo saíram grandes pensamentos e projetos que poderiam levar o Brasil à condição de um grande país. A oito anos de um novo milênio, vale lembrar outra frase do protomártir: "Se todos nós quisermos, faremos deste País uma grande nação". Precisamos acreditar que estamos a caminho desse ideal ●

CRONOLOGIA DO MOVIMENTO

- 1731 — Na Capitania de Minas vigorava monopólio régio da extração de diamantes - o ouro de aluvião esgotava-se com relativa rapidez.
- 1750 — O Governo português estabelece a quota de 100 arrobas anuais (1500 kg) como imposto sobre atividades mineradoras, tornando quase insuportável para os donos das minas levar adiante seus negócios.
- 1763 — A Coroa institui a **derrama**: a população em geral da Capitania teria que completar a quota estipulada de 100 arrobas/ano de ouro, ou seja, se os mineradores só tinham 80 para repassar à Coroa, os habitantes de Minas pagavam o déficit de 20 - o descontentamento foi geral.
- 1785 — Dona Maria I, a Louca, baixa alvará proibindo quaisquer manufaturas no Brasil, obrigando os interioranos a importar da Corte (Portugal), onerando sobremaneira seus negócios e a própria sobrevivência. Donos de teares e de fundições são espancados e até presos.
- 1789 — Surge a Conspiração Mineira, envolvendo intelectuais, homens do povo, clérigos e políticos, tomando-se por base o que acontecia na Europa, notadamente na França, inspirados nas idéias de Montesquieu, Rousseau, Voltaire e Diderot, e até mesmo na independência norte-americana, proclamada em 1776 e definitivamente alcançada em 1781. Os nomes de George Washington, Thomas Jefferson, Benjamim Franklin e Thomas Payne, líderes e ideólogos da independência dos EUA, passaram a ser admirados nas Américas. Jefferson, então representante dos EUA na França, chegou a ser procurado em Paris pelo estudante mineiro em Coimbra (Portugal), José Joaquim da Maia, que buscava apoio para o movimento de Vila Rica. Tiradentes é preso no dia 10 de maio.
- 1791 — São pronunciados como réus de lesa-majestade, 34 pessoas, sendo 5 padres.
- 1792 — Apenas Tiradentes é enforcado e esquartejado. Os demais tiveram as penas comutadas em degredo perpétuo.

MANIFESTO DO PALCO NORDESTINO

No dia 25 de julho último, o dramaturgo Racine Santos lançou seu livro "À LUZ DA LUA, OS PUNHAIS" em Campina Grande. O livro, contendo o texto da peça que estreou em Portugal em 1990, dirigida pelo encenador espanhol Moncho Rodriguez, foi lançado durante o Festival de Teatro que há 17 anos se realiza naquela cidade.

Na ocasião do lançamento, no hall do teatro Severino Cabral, foi lançado também um manifesto em defesa da palavra e de um palco mais participativo. O texto do manifesto, denominado "Canção para um palco nordestino", e que foi lido pelo ator natalense Geraldo Maia, é uma tomada de posição da revista PALCO NORDESTINO, editada por Racine Santos.

O texto do manifesto, na íntegra:

CANÇÃO PARA UM PALCO NORDESTINO

Racine Santos

Chega de gestos inúteis,
engravidados de nada.
Eu quero a vida,
discutida, falada.
Quero a palavra viva,
cheia de energia,
de compromisso.
Quero um palco com tudo isso.
Nada do gesto que ilude
e que engana.
Chega do gesto sacana.
Quero o silêncio quando cheio de sentido,
e a palavra que vocifera,
que incomoda.
Não quero o gesto da moda.
Quero a palavra pungente,
que dói, que sangra,
que desperta
e que deixa o povo alerta.
Quero a palavra açoite,
faca-de-ponta.
A voz que se levanta.
Chega de gestos duvidosos.
Quero a palavra que incomode os poderosos.
Não quero um palco bem comportado,
ator boneco, manipulado.
Nada de bôbo da corte,
eu quero açoite.
Grito solto na caatinga
e a gargalhada que desatina.
Quero a poeira do chão,
o forró solto, rasgado,
o xaxado e o baião.
Chega de conformismo,
modismo,
cabotinismo.
Chega de histerismo.
Quero um palco sem espartilhos.
"O Sertão vai virar mar
e o mar vai virar sertão"
Eu quero um palco trincheira
"aprendendo a dizer não",

PROGRAMAÇÃO VISUAL GILBERTO ALVES



banhado de luz de sol
e de luar do sertão.
Eu quero a ira de Lampião,
o povo todo na rua
uma espada em cada mão.
Eu quero um palco assim.
Cheirando o cheiro da gente,
dizendo o que a gente diz
sentindo o que a gente sente.
Não quero a palavra vazia,
anêmica, doentia.
Quero a palavra denúncia,
espinho de xique-xique,
veneno de cascavel,
fazendo muito alarido
pondo o diabo no céu.
Eu quero o gesto do povo
calmo ou desesperado.
Viva a Nau Catarineta,
viva o Cordão Encamado.
João-Redondo, Boi-de-reis,

viva o Cego Aderaldo,
Tirésia do meu sertão
que decifra o encantado.
Viva os sertões da Bahia
e as praias do Ceará.
"Viva o verão que vai chegar".
Não cabe mais nesse palco
o coro dos conformistas.
Quero gritos em concertos
regidos por mãos em luta,
e o desespero do povo
se transformando em batuta.
Quero palavras e gestos
mas não de gente mofina.
Quero Pedro Malazarte,
a Estrela Vespertina,
Canção-de-fogo e João Grilo,
o Raio da Silibrina.
Nesse palco eu quero a vida
dessa gente brasileira,
dessa gente nordestina.

Racine Santos
Teatrólogo

"TUPI OR NOT TUPI"

"Tudo já foi inventado. Tudo já foi feito. Tudo já foi dito, mas como os homens esquecem, é preciso fazer e dizer tudo de novo."

GIDE

NAVARRO



A comemoração dos 70 anos de Modernismo em Natal, de 25 a 30 de maio, no auditório da reitoria da UFRN, teve "o mérito inicial de deixar o exemplo para as atividades culturais do Estado na área pública. Exemplo de resistência cultural na selva da recessão". Com esta declaração Eduardo de Assis Duarte, um dos coordenadores do evento, mostra o empenho do Estado, Prefeitura Municipal e Universidade, unidos em torno de manter viva a nossa atividade cultural. Este esforço ganha mais importância tendo em vista a posição em que as artes ocupam na atual conjuntura do país, relegadas a um limbo de coisas supérfluas.

Tendência dinâmica, indicando a necessidade de renovação e a crença de que é possível uma superação constante, baseada na idéia da "Modernidade", contra a da tradição e do antigo, o Movimento Modernista chegou a Natal com alguns anos de atraso. No final da década de 40, Newton Navarro faz a primeira exposição de pintura com o tema "Sejamos docemente pornográficos". Houve comoção geral da sociedade potiguar.

Nem bem os parnasianos locais tinham se recuperado, Dorian Gray realizava a sua inicial um ano após.

Depois disso, o Movimento começou a geminar e alguns anos mais tarde Dorian e Newton, realizaram a primeira exposição juntos. Além desses dois pintores, na década de 20 o poeta Jorge Fernandes era colaborador da revista Modernista CLAXON, de São Paulo, e escrevia um livro de poemas. Cascudo como não poderia deixar de ser foi um grande contribuidor, escrevendo para revistas nacionais, e se correspondendo com Mário de Andrade.

As principais características da literatura modernista são a ausência do autor da narrativa. A ação e o enredo cedem lugar às emoções e a temática passou de assuntos universais a temas particulares. A literatura tornou-se subjetiva e interiorizada. Na poesia, as imagens usadas são do cotidiano. O interesse pelo inconsciente e pelo homem comum. Pela ordem social. E se desvincula das rimas métricas e versos bem comportados.

Para o escritor Franco Jasielo, a homenagem feita aos 70 anos de Modernismo foi oportuna, no desejo de lembrar e homenagear um movimento que mudou o mundo intelectual das Artes Brasileiras. "A semana de Natal deve servir para alertar sobre a necessidade do artista, intelectual de renovar-se e de ousar sempre, nunca esquecendo que a renovação afunda suas raízes no passado", diz Franco. As comemorações reuniram cerca de 700 inscitos, divididas em palestras sobre poesia, literatura, artes, filme, recital e o show tropicalista, com o grupo "Coro e Alma". No Programa também a Camerata da UFRN e a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte.

Os objetivos foram alcançados no avaliar a presença modernista na

literatura, música e artes plásticas e também, no dimensionar a participação de artistas e intelectuais do Estado, no esforço de renovação em 1922.

Dr. Iaperi Araújo, presidente da Fundação José Augusto, acredita que apesar da Semana de 22 ter sido provinciana, "causou profunda ruptura nos conceitos estéticos. Sua continuidade não foi uma consequência do movimento, mas a arte brasileira nunca mais foi a mesma depois daquele 13 de fevereiro".

Opinião semelhante tem o escritor e poeta Américo de Oliveira, caracterizando o Modernismo como uma "espécie de Revolução", agitando, trazendo problemas novos de linguagem de comunicação, "superando tabus antigos da nossa literatura, visando a reação, inclusive, de melhores instrumentos de comunicação sobre diversos aspectos da nossa literatura".

No seminário foram lançados livros como o do professor Jomard Muniz de Brito, intitulado "Bordel, Brasileiro Bordel", sobre cultura brasileira contemporânea. Para ele a importância da comemoração está em "rever o legado dos modernistas de 22, e ver como se faz uma narrativa atual" ●

Linguaviagem de Camões

Francisco Ivan

...Navegar é preciso...Para escrever hoje sobre Camões, devo preocupar-me não tanto em dispor certas idéias classificatórias já consagradas em torno de sua Obra, mas em abrir horizontes possíveis de releitura e atualidade daquilo que representa a verdadeira essência da poesia portuguesa. Camões construiu *Os Lusíadas* sobre uma estrutura escolhida de poesia: o poema épico, precisamente, a *Enéida*, de Virgílio. A epopéia, tal como se concebe desde Aristóteles, é um gênero sólido, definido segundo regras rígidas. No decorrer de nossa leitura, ter-se-á de sublinhar aquilo que se entende por poema épico. E o leitor tem o direito e o dever de pesquisar como estes conceitos se formaram ao longo da história. Diz-se de peito aberto que *Os Lusíadas* é a epopéia do povo português.

O quê direi? Direi brutalmente que *Os Lusíadas* é a história de Portugal? Direi que é a narração dos fatos heróicos de seus navegantes? Antes de procurar o sentido ou razão de *Os Lusíadas* numa concepção já estereotipada de gênero/epopéia, o leitor deverá seguir o movimento de seus versos/sua linguagem para realizar aí o reencontro com aquilo que é verdadeiramente poesia. Importante é esquecer a história e recitar Camões:

"As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
e entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram,"

Naturalmente, a "história" se lê nos versos recitados. Mas a função dos versos ou do poema de Camões é outra: função poética de ênfase sobre a poesia mesma num discurso épico e utópico que vai além de mares nunca dantes navegados. Poesia de viagem. Utopia? Mas, afinal a melhor maneira de viajar é sentir. Navegar é preciso. Com Luís de Camões, pelo menos entre nós de língua portuguesa, temos a medida exata da **Poesia épica**, não só do passado, mas do futuro; daí ser possível relações sincrônicas de Camões com as vanguardas do Século XX, Fernando Pessoa, por exemplo. Tanto Camões como Fernando Pessoa oferecem ao leitor, como exemplo máximo, a poesia de tradição homérica. Eis a **modernidade** de Camões, nossa **modernidade**. A Poesia se acha na história, mas não partilha de seu historicismo. Talvez seja em



função de um contexto mais vasto, isto é, além da história, que essa visão do poema como **viagem** (utopia) pertença tão profundamente ao Poema de Camões.

O poema ocasiona um reencontro do leitor com Virgílio, poeta da antiguidade latina, "imitador" de Homero. Reencontro com Virgílio, regresso a Virgílio. Regresso à pátria da Poesia, pátria utópica, abstrata, altamente intelectual: quanto mais abstrato for o poema, e sua linguagem privilegiar o poético, maior será o princípio de sua universalidade/Modernidade, pois a inteligência poética é a mesma em qualquer tempo/lugar. O que mudam são as maneiras de conceber; o que fica é a poesia.

Camões foi "influenciado" por Virgílio. Nos estudos modernos de **Poética Sincrônica**, este fato toma muita importância e passa a ser visto como um **procedimento** capital dentro da literatura. "O descobrimento, ou,

por assim dizer, a "invenção" de precursores é um dos corolários mais significativos da visada poética sincrônica. (...) "The past does not influence me; I influence it. A verdade é que cada escritor cria os seus precursores. A sua obra modifica a nossa concepção de passado como há de modificar a do futuro..." (Veja Haroldo de Campos, *A Operação do Texto*). A tarefa do escritor/poeta, neste sentido, é uma tarefa de leitura e transcrição da obra do passado para seu presente; presente que retoma sempre à tradição sem perder o olhar do futuro. O momento, por exemplo, de identificação da obra criada, em sua originalidade, com a individualidade do autor define a perversão do ato de perceber, ler e escrever. No caso de *Os Lusíadas*, escreve Boges, "passaram-se quatrocentos anos, e o conceito de poesia mudou. Sabemos que Camões antes de escrever uma linha, sabia, talvez, que seu destino era a poesia, e dizer poesia, na época, era dizer poesia épi-

ca. A poesia não como exteriorização das revelações íntimas ou sugestões, mas a poesia de uma nação ou de um herói". Como se nota, desde a perspectiva de uma tradição épica que, heдонisticamente, Borges evoca, pode-se compreender melhor as "influências" de Virgílio e Camões. Ainda Borges sobre o imortal poeta da língua portuguesa:

"Camões soube, antes mesmo de escrever. Sabemos que se demorou em outras coisas. Camões educou-se em Coimbra. Ali estudou e ali lhe foram revelados o latim, o italiano e o castelhano. E tudo isto seria matéria para seu poema. E, sobretudo, ali ocorreu um dos acontecimentos mais importantes de sua vida. Dizer o mais importante na vida de Camões é dizer Virgílio". (J.L. Borges, *Destino e Obra de Camões*, Boletim Bibliográfico/Biblioteca Mário de Andrade, janeiro/dezembro, 1984, Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo). É nisso que importa que se perceba do que é a matéria de *Os Lusíadas*, e que não se ignore essa sabedoria poética. Camões sabia...seu poema tem na *Eneida* o lugar de origem. Volta-se ao começo: que direi? Direi brutalmente que *Os Lusíadas* é a História de Portugal?

O conteúdo histórico de *Os Lusíadas*, sublinhado ao longo da História, por isso, é o pior objeto para a compreensão do Poema de Camões, justamente porque particulariza o imaginário/abstrato da poesia até a identidade e individualidade do autor. A individualidade do autor é um fenômeno suspeito, cuja existência só ganha sentido com o elemento integrante da leitura. Remetemos mais uma vez ao texto de Borges sobre Camões. Acima de tudo interessa compreender o conceito de epopéia em que se formou Camões.

"Virgílio é um acontecimento importante na vida de todo poeta. Mas, caso se use o grego, Virgílio pode ser substituído por Homero. Para Camões, se não me engano, foi Virgílio, como o foi para outro grande poeta, Dante Alighieri. Por isso, a leitura da *Eneida* foi um dos acontecimentos capitais de sua vida, e dela tomo este conceito ideal de um povo heróico, que é essencial na poesia de Camões." Borges insiste mais ainda na necessidade de uma compreensão poética do Destino e Obra de Camões, nos termos da epopéia clássica — Homero /Virgílio: "Direi que a poesia é o idioma essencial do homem. Durante muito tempo, pensou-se na poesia épica, e, como não se conhecia suficientemente os gregos, pensou-se em Virgílio e sua *Eneida*: nós sabemos, agora, que na *Eneida* se combinam, felizmente, a *Ufada* e a *Odisséia*. Um poema da

terra e um poema do mar, e ambos se conjugam na *Eneida*. Camões que, sem dúvida, sabia disto melhor do que eu, deve ter sentido a *Eneida* como uma unidade e que, de alguma forma, era um poema completo."

O que se deve entender por poesia épica? O leitor de hoje concorda com este termo? Deixo para o estudioso da poesia portuguesa a tarefa de ler *Os Lusíadas*. A poesia épica será aquela em que o poeta, refletindo sua história, na história do poema, se mire e se reconheça universal, diferente de si-mesmo, sem coincidir com o real, e redimensioná-lo a uma ordem de linguagem a que a poesia nunca se rende: é o jogo compreendido sob a categoria da heroicidade e do episódio maravilhoso. Navegar é preciso. Boa Viagem! *Os Lusíadas* — é preciso ler Camões — é real no que chega ao pensamento da descoberta: utopia do Oriente. E, por outro lado, é um fato que Vasco da Gama viajou a caminho da Índia. Por isso, é preciso que o leitor retorne e retome esse caminho, por Virgílio, para ver aí a clara percepção da natureza poética.

Pode-se imaginar que Camões simplesmente imitava Virgílio. É impressionante a semelhança entre os episódios da *Eneida*. São incontáveis os episódios desta ordem no texto, ficando assim confirmada a tese da origem poética de *Os Lusíadas*: origem sob a forma de um discurso épico/mítico que permite imaginar uma função utópica do poema "com os olhos no Horizonte de Virgílio. Dizer, pois, brutalmente, que *Os Lusíadas* é a História de Portugal é o mesmo que dizer que Camões já passou, e não tem qualquer sentido, pois a Modernidade não consiste em avançar ou retroceder, mas em coincidências universais que põem em evidentes sincronidades todas as obras poéticas que se sucedem no tempo: Homero, Virgílio, Dante, Fernando Pessoa, por exemplo.

E o texto de Borges, *Destino e Obra de Camões*, é a mesma concepção das inflexões e desvios do poeta, a mesma exigência quanto à vantagem em unificar o nível simbólico — o nível simbólico é o nível da lei, do convencional, etc. — à expressão imaginária, apresentando o real do poema como *passagem da natureza*, (linguagem) por onde o olhar do poeta passa e coincide. Tem-se aí o "acontecimento"; "acontecimento" que não deve ser entendido apenas como um fato, um assalto a um banco, por exemplo, o seqüestro de um avião...Virgílio é um "acontecimento" na vida de todo poeta, como o foi na vida de Camões. Disto nos escreveu Borges. É a *Eneida* a fonte verdadeiramente poética de *Os Lusíadas*. E a leitura de Camões assim se transforma numa tarefa solidária, imaginante e intelectual, inclusive,

textualmente, uma atividade de censura — censura por saber — aos seus contemporâneos portugueses que ignoram a Poesia e seus procedimentos. Remetemos o leitor para o Canto V de *Os Lusíadas*, especificamente para a oitava seguinte:

"Os casos vi que os rudos marinheiros,
Que têm por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as coisas só pela aparência,
E que os que têm juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência
Vem do mundo os segredos escondidos
Julgam por falsos ou mal entendidos."

E, nesta outra estrofe/oitava (LXXXVI) do Canto V, vemos/lemos Camões a discutir o valor de sua obra e a criticar os que desconhecem suas técnicas correspondentes:

"Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o fecundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e
de arte,
E do que inda hei-de-ver a oitava
parte?"

O tom das oitavas reflete a censura de Camões à Crítica da época. O Rei, aqui, apresenta-se como a encarnação viva e atual do discurso crítico sobre a Obra. O Rei julga a Obra, dá-lhe sentido e existência: seu discurso carnifica. (Direi, então, brutalmente, que o Rei é Dom Sebastião? Dom Manuel? Isto foi. Pela leitura dá para entender que esse Rei é o discurso, é a norma reinante, a lei, o julgamento, — leiam Salomão, (Lacan diz) é o mestre dos mestres, é o metro dos mestres, o fracasso das tentativas de uma sabedoria que o ser seria testemunho. Para a compreensão mais ampla da idéia de Rei como discurso, talvez, fosse preciso psicanalizar o Rei. O Rei está dentro de mim: morra o Rei! Viva o Rei! Mas eu fico com Camões, do lado da Poesia. Nem Rei nem lei, nem paz, nem guerra. Define com perfil e ser este fulgor baço da terra que é Portugal...

Camões escreveu *Os Lusíadas* em 1572. O Rei Dom Sebastião concebeu-lhe, pela sua publicação, a tença anual de quinze mil réis. Quem é o Rei? Viva o Rei! Que direi? Direi que *Os Lusíadas* narra a viagem que levou os portugueses à "descoberta" do Oriente? que é o Oriente? — Leiam Camões, o Príncipe dos Poetas Portugueses. O Oriente é uma fantasia, uma invenção. Em 1580, Camões morre pobre e abandonado. Fato biográfico

Francisco Ivan é professor da UFRN na disciplina de Literatura Brasileira

O DECIFRADOR

Eulício Farias



Boi-Tempo teve raiva do procedimento do herói. E, vingativo, deu uma ré na máquina e fez simplesmente Saci pau-brasil voltar à época antiquíssima dos cários-troianos, quando da fundação de uma nova Tróia no litoral do Rio Grande do Norte, que depois virou praia de Touros. A missão dele agora ia ser a mais dificultosa de todas.

Primeiro, enfrentar a Ipujiara-bruzacã que habitava aquela praia, e a mais feroz cunhã-diaba macha e fêmea que já existiu. E ainda servir de ajudante-decifrador ao sábio estrangeiro Ludovico Chovenágua na tarefa de decifrar as inscrições rupestres que os fenícios deixaram em sua passagem pelos sertões do Seridó. Mas Rei Nagô, ao contrário, se apiedou dele e mandou de novo o espírito de ajá e um garrafão do mariri do primo Jessé que era para dar força e sustança ao herói naquela travessia. O espírito de ajá veio e pousou no punho da rede, no mesmo lugar onde pousou aquele papagaio verde de bico dourado que bateu asa no rumo do Uraricoera...

Ludovico Chovenágua chegava e metia-lhe o pé no traseiro e grita-lhe bem no pé do ouvido:

— Acorda, índio preguiçoso, e vamos à terra do teu padrinho, aquele bruxo-feiticeiro que te batizou no tempo da guerra dos holandeses.

O herói abriu um olho e escondeu o outro dentro da rede. Lembrou-se do pontapé que lhe deram no mesmo lugar na guerra das romeiras, no Ceará, e escutou uma vozinha fina que parecia sair do chão, mas não era, cantando:

Eu não quero em Joazeiro
esse bugre botocado
vá baixar noutro terreiro
como diz Câmara Cascudo.

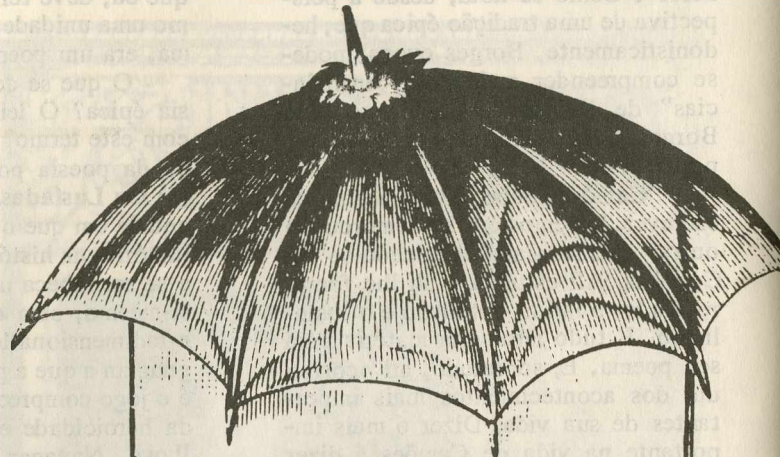
Abriu o outro olho e viu diante de si um profeta de barbas e cabelos brancos e longos e com um bisaco a tiracolo que não tinha mais tamanho.

— Vosmecê conhece o meu padrinho? — perguntou o herói.

— E também os três reis Magos, e o reino encantado da Pedra Bonita no sertão do Pajeú.

Saci pau-brasil se lembrou do pai Macunaíma, da mãe Ci-estela e do irmão curumim que morreu antes dele do veneno da Cobra Preta, e desatou a chorar.

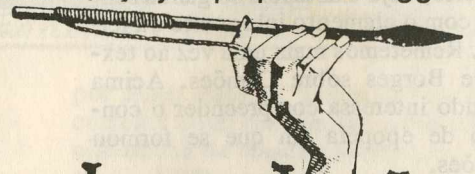
Ludovico Chovenágua, arrependido do pontapé que tinha dado na bunda do herói, meteu a mão no bisaco e tirou a viola enfeitada de fita do contador Zé Pretinho do Quixadá, o que cantou com o cego Aderaldo, temperou a garganta e cantou:



QREWQWREWTREYTRUYTUyti
LKKLHKJHGJHGFHDFDSFD
ZVCXVBCBNVNBVMNBVMBN



qrewqrewtretryturuytuioiuoiu
adasfdfsfgdghfhjgkjhkljhlkçlkj
zvcxcvxbcbvcbnbcnbcnbcnbnm
piuiioiuuyyityerqwqrewtsdfdggg



hg ghrst zha ig



Viva Saci pau-brasil
de tanta guerra cansado
de tantas venturas mil
de tanto amor precisado.

Um português trepado no olho de uma árvore gritava:
— Bibal!

O espírito de ajá abria o garrafão e dava um gole ao herói e outro
ao profeta que voltava a cantar:

Nas terras do teu padrinho
é lá que vou te levar
quero que vejas, à noite,
a lua vindo do mar.

E vencer a cunhá-diaba
a uiara-bruzacã
que de noite é monstro horrendo
e sereia de manhã.

É lá na praia de Touros
que Tróia já foi outrora
numa caverna do mar
onde o monstro horrendo mora.

E vencida a bruzacã
iremos ao Acari
no sertão do Seridó
têm coisas que nunca vi.

Têm desenhos e pinturas
dos cários-sumerianos
que passaram por ali
há mais de cinco mil anos.

Feitos, gravados nas rochas
por hábeis mãos de artesão
e acompanhados de escrita
que não tem decifração.

Só um audaz cavaleiro
herói de truz e braço
pode cumprir sem receio
tão obscura missão.

Sendo assim, meu bom guerreiro,
vá cumprir esta missão
quero ver a bruzacã
e os cários em minha mão.

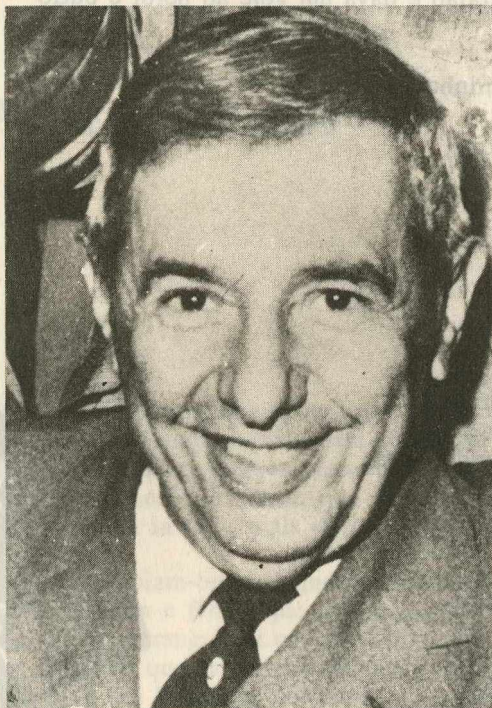
Ludovico Chovenágua metia no bisaco a viola enfeitada de fita
do cantador Zé Pretinho do Quixadá, o que cantou com o cego Aderaldo,
enchia uma caneca e oferecia outra cheia ao herói que não fez questão
nenhuma de entorná-la de uma vez.

Agora o profeta era o negro Joaquim Maxixe do Crumataú, o
pomográfico, e quando ele ia dizer uma do Bocage a caneca lhe escapulia
da mão e ia cair mesmo em cima da cara do herói. Assustado, abria os
olhos e via Ludovico Chovenágua, o profeta, ir ficando pequenininho,
pequenininho, até se virar num passarinhozinho caga-sibite que escondido
num ramo fazia só: Pi.pi.pi.pi.. Na biboca do primo Jessé não se falava
de outra coisa ●

(Capítulo do livro Saci pau-brasil).



BRASILEIRO E NORDESTINO



Assis Chateaubriand

Albimar Furtado

Por que o Brasil precisa comemorar o Centenário do nascimento de ASSIS CHATEAUBRIAND?"

Com esta pergunta os Diários Associados, complexo construído por este paraibano com visão do mundo e voltado para as grandes conquistas, inicia uma campanha a nível nacional para celebrar o Centenário de seu nascimento.

Umuzeiro, cidade paraibana, foi a terra que o abrigou na sua chegada ao mundo, em 5 de outubro de 1892. Mas já aos 14 anos estava morando em Recife, trabalhando em jornalismo, sua grande paixão. E foi com esta atividade que custeou seus estudos na faculdade de Direito, de onde mais tarde tornou-se professor Catedrático de Direito Romano.

Se a pequena Umuzeiro não pôde abrigar os horizontes já largos do menino de 14 anos, a fervilhante Recife de 1917 igualmente já não segurava o pensar alto do jovem em seus 25 anos. Depois de trabalhar em "O Pernambuco" (jornal do Norte-rio-grandense Pedro Avelino), no "Jornal do Recife" e no "Diário de Pernambuco" e de atuar como advogado, chegou ao Rio de Janeiro. Foi defender uma causa junto ao Supremo Tribunal Federal. E no Rio ficou. Sua forte identificação com o

jornalismo levou-o a colaborar em "A Época" e no "Jornal do Comércio".

O reconhecimento ao seu trabalho fez com que o Conde Carneiro o convidasse a assumir a Chefia de Redação do "Jornal do Brasil". A partir de então, com a força de seu talento enfrentou desafios seguidamente vencidos. O jornalismo brasileiro começava a conhecer a sua genialidade, as artes e a pintura passaram a ter um permanente incentivador, e o país começou a contar com um obstinado defensor da integração Nacional.

Sua ação inovadora se perpetua pela obra que construiu: Diários e Emissoras Associadas, Museu de Arte de São Paulo, museus regionais e incentivo à criação de aero-clubes.

No Rio de Janeiro, Chateaubriand se destacava no cenário jurídico e já brilhava no jornalismo. Em 1924 comprou o seu primeiro jornal, O JORNAL, para seis meses depois partir para a aquisição do segundo: "O Diário da Noite" de São Paulo. Seu espírito empreendedor fez com que instalasse, três anos depois, a revista "O Cruzeiro", até hoje o maior projeto no jornalismo impresso brasileiro.

Mas tudo isto não era suficiente às aspirações do paraibano de Umuzeiro.

Em 1931, com mais três jornais, criou a Agência Meridional, de notícias. Em 1934 criava mais uma revista, "A Cigarra", e apostava na força do rádio, com a Tupi do Rio de Janeiro. A cada ano ampliava seu império na área de comunicação, e, em 1950, novamente sua visão aguda e seu pioneirismo levaram-no a inaugurar a TV Tupi de São Paulo, a primeira estação de televisão da América Latina.

No Rio Grande do Norte, ASSIS CHATEAUBRIAND também deixou sua presença marcante. Dos Diários e Emissoras Associadas, a rede nacional que criou, constam "O Diário de Natal", "O Poti" e a Rádio Poti. Em Natal, fundou um posto de puericultura e ofereceu os equipamentos para que outro fosse criado em Currais Novos. Á época, levava ao Brasil a campanha de Renovação da Criança, "Ajudando o Brasil a conhecer a si mesmo". Lançou também a campanha Nacional de Aviação através da qual doou aviões para o Aeroclube de Natal.

Conhecedor e admirador do talento de Luiz da Câmara Cascudo, financiou uma viagem do mestre natalense, pelo mundo, pesquisando e levantando dados para a publicação de um livro sobre a história da alimentação no Brasil.

Mas a grande obra de Chateaubriand foi mesmo a criação dos Diários e Emissoras Associadas. "Ele deu sistemática à informação no Brasil", no dizer de Câmara Cascudo. Passados 14 anos após sua morte, os Associados somam hoje 14 jornais, 10 emissoras de rádio e 4 emissoras de televisão.

Homem polêmico, sobre ele foi dito: "Era forte, porém humano; paciente e intolerante; arrogante e humilde. Uma homem fora dos padrões normais. Um homem exuberante, contraditório e surpreendente". Foi escrito também, no "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro: "De sua biografia constam não apenas palavras, gestos e livros — que bastariam para consagrar uma vida — mas obras assinadas, marcadas pela monumentalidade própria dos que são permanentemente impacientes diante das realizações humanas".

O reconhecimento ao trabalho desse brasileiro e nordestino já tem manifestações como a de Walter Clark, em seu livro O CAMPEÃO DE AUDIÊNCIA: "... Toda emissora de rádio devia ter um busto de Chateaubriand no pátio. Foi ele quem nos abriu os caminhos para crescer" ●

Albimar Furtado é jornalista e professor do Curso de Comunicação Social da UFRN

O Instituto nasceu de conversações mantidas entre este articulista e o Professor Wascyli Simões — Oboísta renomado —, que ansiava romper com a forma ortodoxa do ensino de música nas escolas oficiais, cada vez mais distanciado do dinamismo hodierno de outros segmentos do ensino. Sua posição se embasava no fato de que, raramente, alunos dessas unidades conseguem chegar à condição de participantes de orquestras ou de conjuntos de câmara, quedando-se no esquecimento ou no desinteresse pela música; ou, ainda, relegados ao ostracismo como instrumentistas, pela ausência de contato com a própria música que abraçaram.

Sintonizando com o pensamento de Wascyli, resolvemos, como participante do Conselho Diretor da Fundação José Augusto, à época (1986), apresentar um projeto de criação de uma escola para o ensino livre de música, onde se pudesse dinamizar o aprendizado, permitindo melhor aproveitamento daqueles que, vocacionados, demonstrassem qualidades para o profissionalismo, fosse qual fosse o instrumento de sua preferência. Evidentemente, tivemos muitas dificuldades para conseguirmos aprovar nosso projeto; porém, não desistimos, até ser editada a Resolução nº 001/86, ao apagar das luzes da administração Valério Mesquita, fazendo-se justa homenagem ao ilustre maestro natalense, prof. Waldemar de Almeida, tomando-o como patrono.

O Instituto viveu precariamente seus primeiros dias. Não havia verba específica para o material didático e aquisição dos instrumentos necessários.

Na administração Paulo Macêdo, o Instituto de Música "Waldemar de Almeida" trasladou-se para o Solar Vela Vista, na ladeira da Junqueira Aires, por deferência do Dr. Fernando Bezerra Presidente da FIERN e da Profª Deijair Borges, então diretora daquela Casa.

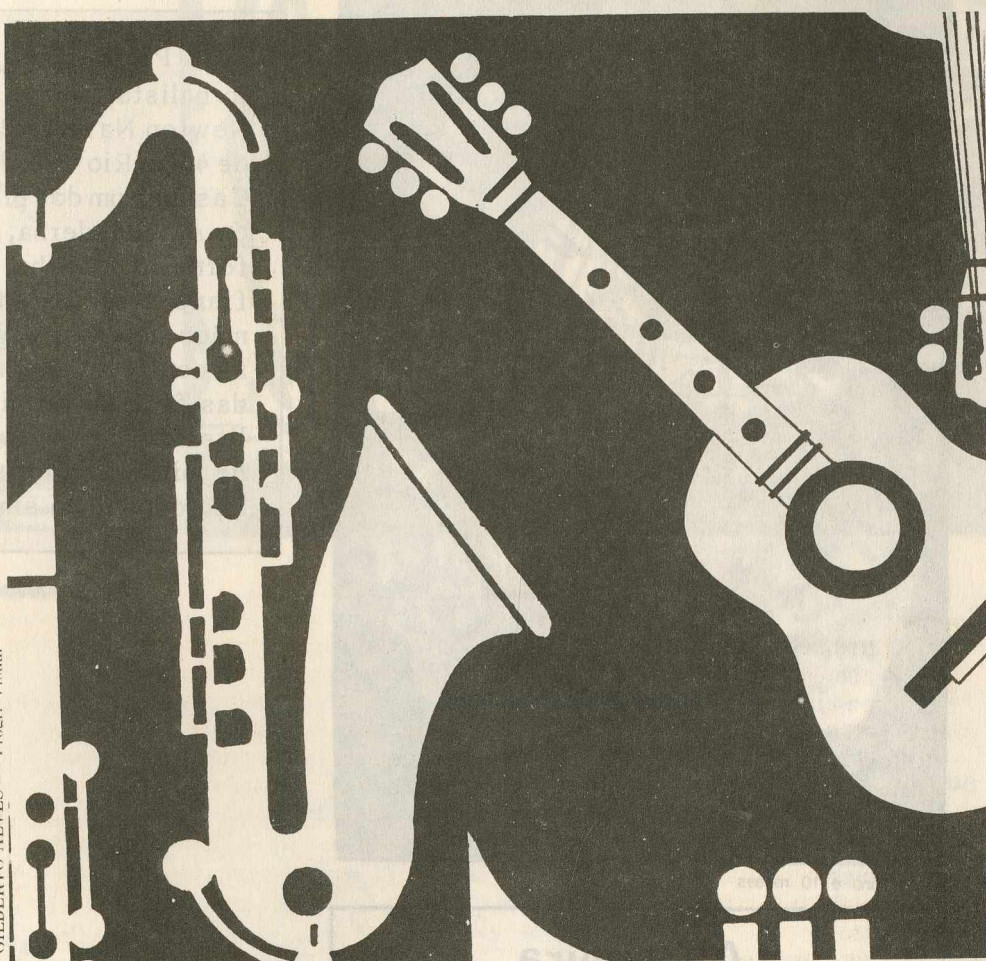
Na administração do Dr. Geraldo José de Melo, foi nomeado o jornalista Woden Madruga para a direção da FJA, o qual, com justiça, fez excelente administração nesse segmento da Cultura e da Arte.

Nessa ocasião, assumiu a direção do Instituto, a Profª Dolores Portela, que passou poucos dias no exercício do cargo, tendo sido substituída pela Profª Deijair Borges: que, por três anos, administrou o Instituto, dedicando-se a ele de corpo e alma e, a quem esse órgão deve o muito que cresceu, estruturando-se como entidade suplementar da Casa Mater.

Pela Resolução nº 003/91, CD, o Instituto teve seu Regimento Interno aprovado, através da Lei nº 5.852.

INSTITUTO DE MÚSICA "WALDEMAR DE ALMEIDA"

JANSEN LEIROS



GILBERTO ALVES — Progr. Visual

Atualmente, o Instituto W. de Almeida tem em seus quadros 452 alunos, distribuídos pelos vinte e oito cursos oferecidos.

Paralelamente às atividades precipuamente didáticas, o Instituto, em obediência às suas finalidades regimentais, vêm desenvolvendo um trabalho de divulgação da música de câmara, através de conjuntos criados especificamente para esse fim.

Entre esses grupos, destacam-se a Camerata "Oswaldo de Souza", com caráter eminentemente experimental, o Quarteto de Cordas "Aldo Parizot", composto por alunos adiantados, o Quinteto de Soprano "Mavial Celestino" e o Grupo Medieval — Sexteto de flautas doce — para estudo e execução de música antiga, num exercício simultâneo e

paralelo ao Curso de Harmonia, Contra-Ponto e Fuga, oferecido para professores de música e instrumentistas da Orquestra Sinfônica do RN.

Um caráter essencialmente dinâmico e renovador caracteriza o trabalho desenvolvido no Instituto de Música Waldemar de Almeida. E aqueles a quem é dirigido têm correspondido de forma plena, prestigiando-nos com clientela extra-limites, boas platéias e crítica positiva.

Continuamos — entusiasmados e esperançosos ●

JANSEN LEIROS É DIRETOR
DO INSTITUTO DE MÚSICA
WALDEMAR DE ALMEIDA

Navarro

O Instituto nasceu de conversações mantidas entre este articulista e o Professor W. Siqueira - Odebrecht temático - que analisa sempre com a forma estrofa no ensino de música das escolas. Cada vez mais destacando o dinamismo inerente às aulas. As experiências de ensino são realizadas em sala de aula, tornando, através de aulas práticas, o conhecimento de caráter teórico de experiências ou de conteúdos de caráter prático. O conhecimento se dá através de experiências práticas, ou ainda, através de experiências práticas.



Com 1 ano e 10 meses

Próprio dos grandes talentos é a multiplicidade. Poeta, jornalista, pintor, cronista, teatrólogo e essencialmente boêmio, Newton Navarro Bilro foi figura de destaque da chamada Geração de 45 no Rio Grande do Norte. Considerado junto com Luís da Câmara Cascudo um dos pilares da Cultura do estado, participou do movimento de Arte Moderna, celebrizando-se por um estilo marcante, de traço forte no desenho, contrastante com o despojamento dos versos francos em liberdade e elegância ("Dois seios pulsam solenes./As mãos uma flor seguram/Suspensa sobre o regaço./E o sexo e a flor se ocultam/No sem espaço da curva." - A Cadeira). Librário, amante das facetas infinitas da Arte, o mestre querido deixou uma obra literária de sete volumes e a saudade da amada Natal, além de mais de mil quadros, espalhados por todo o mundo. Morreu aos 63 anos. Sua obra é um sinete que permanecerá entre nós.



Navarro

O gajeiro foi navarrear em putros mares da vida

Poeta, pintor, contista e novelista
Navarro morre aos 64 anos

A Cadeira

O alto corpo se curva,
Quebram-se as linhas
E partidas formam lentas
Se debruçam.
Do vivo traço que era, de pé,
Como haste, erguido,
Em três planos se dispersa.

Vivos olhos, agudamente,
Percorrem a sala em lume...

Dois seios pulsam, solenes.
As mãos uma flor seguram
Suspensa sobre o regaço.
E o sexo e a flor se ocultam
No sem espaço da curva.

Pernas suspendem, ligeiras,
Os pés, e as alpargatas
Caem no vazio onde foram
Sólidas raízes do corpo
Que a cadeira despedaça.

E na sombra
Sem movimento,
Todo o corpo adormecido
Sobre o corpo da cadeira,
Mulher de amor ausente,
Talha na sombra envolvente
Vivo relevo de carne
Inútil sobre a madeira.



Ultimo poema de Navarro editado na TN



O Rio Potengi visto por Newton Navarro

Foto: Carlos Lyra



MERCADO DE ARTE UM INVESTIMENTO ALTERNATIVO



DIVULGAÇÃO

Contando com artistas como Dorian Gray, Newton Navarro, Assis Marinho e Fernando Gurgel, entre outros, o mercado potiguar está restrito a Natal, e uma pouca participação de Mossoró. Há carência de uma cultura ampla, “que difunda o valor e a necessidade de possuir um mercado de artes”, queixa-se Antônio Marques.

Falta divulgar no mercado potiguar o gosto por suas tradições, na medida em que houver uma valorização cultural, um crescimento. A partir daí, o mercado vai se expandir porque as pessoas vão querer comprar mais. “Hoje nós temos um classe média em Natal, que poderia comprar arte e não compra. Há várias casas que são decoradas com simples reproduções, apesar de serem verdadeiros palácios por fora”, diz Marques. “As pessoas não descobriram o valor do trabalho dos artistas da terra”, explica.

COMO INICIAR

Para quem está interessado em iniciar sua atuação no mercado de artes, o principal é observar a procura e a tendência de alta dos preços. As dicas são do Marchand Renato Magalhães Gouvêa, de São Paulo. Ele lembra que a nível de investimentos, o mercado deve ser encarado como rentabilidade a longo prazo. Muitas vezes é vantagem adquirir uma obra de qualidade por um preço baixo. O problema é que se pode esperar algum tempo para revendê-la com bom lucro.

É bom para os iniciantes conhecer os autores e suas obras, através de exposições e leilões de artes — este último inexistente no Estado. E então começar a adquirir as peças, seja por gosto, para presentear ou mesmo investir. “Comprando um objeto de arte, você faz dois investimentos: um em você, por uma questão de bom gosto e educação, e outro financeiro, porque se o nome do artista crescer, seu dinheiro cresce

junto com ele”, explica Antônio Marques.

MECANISMOS DE MERCADO

Os fatores determinantes de sucesso do artista são muitos. Como exemplo, uma estratégia de marketing eficiente, que leve ao conhecimento de maior número de pessoas à obra; se o artista possui trabalhos expostos em museus e se estas instituições adquirem essas obras, além da aquisição por pessoas de ascendência social. Tudo isso contribui para que o artista venda mais, ou menos, na opinião de especialistas. Na medida em que o artista morre, sua obra será mais valorizada, porque o número de objetos produzidos passa a ser limitado, como ocorreu com Newton Navarro: “quando ele faleceu, recebi inúmeros telefonemas perguntando se tinha alguma obra sua para vender”, diz Antônio. O mercado tem suas contradições. Quando o artista morre, fica famoso e suas obras são procuradas, no entanto, “quando precisa vender para comprar o pão de cada dia, ninguém compra”.

NOVOS VALORES POTIGUARES

Além de Newton Navarro e Dorian Gray, que já têm nome nacional e são os que mais vendem, Antônio Marques cita outros artistas em ascensão no Estado, tais como Assis Marinho, Tomé, Fabrício Filizola, Araújo e Marcelo Sboldo, dentro os que estão se sobressaindo no mercado potiguar.

Dorian Gray vende quadros por um milhão de cruzeiros aqui em Natal com facilidade. “As pessoas compram e acham barato, comparando o preço das obras de artistas do porte de Dorian em outras cidades”, esclarece Marques. Quanto à venda em si, as formas de pagamento são variadas. Os artistas vendem suas telas até com cheque pré-datado ou pagamento parcelado. Por tudo isso, “Entrar numa casa e não ver uma obra de arte deveria ser uma surpresa e não uma constante, como geralmente ocorre”, finaliza Antônio Marques.

No Sul do país, onde o Mercado de Artes é mais estável, as compras de objetos não pára, apesar da crise. Especialistas aconselham: este é o momento certo para investir na compra, com possibilidades de lucro a médio prazo. O mercado dá sinais de recuperação.

E em Natal? Qual a realidade do mercado das Artes? “Ele existe, sobretudo, no potencial de crescimento futuro, mas apenas na medida em que houver um trabalho de conscientização da população, acerca do seu acervo histórico, e dos bons artistas que possui”. Esta é a opinião de Antônio Marques, professor do Curso de Artes da UFRN e conhecido Marchand potiguar. Antônio Marques não aceita essa denominação e argumenta: “o mercado de Natal é muito pequeno. Não há uma pessoa que viva, exclusivamente, de intermediar a compra e venda de obras de arte”, explica ele, que prefere ser definido como animador cultural.

Seu acervo consiste em esculturas de barro e madeira, telas e outras relíquias obtidas em viagens pelo interior do Estado, quando consegue obras inéditas. “Para ter esse acervo, é necessário que eu comercialize algumas obras, justamente por não ter um poder aquisitivo alto”, diz.

L(V)ENDO O ECRAN

HERMANO FIGUEIREDO

Não se pode negar o mérito da pesquisa de Anchieta Fernandes, reportando os primórdios das exibições cinematográficas em Natal, em 1898, quando Nicolau Parente, pela primeira vez, projetou imagens em movimento.

O autor nos fornece através da transcrição de reportagens jornalísticas, não só fatos e datas importantes. Também, nos remete ao clima de expectativa, seguida de admiração, diante da grande novidade, como o registro transcrito de um jornal da época: "Sábado à noite o Sr. Nicolau Parente fez uma exibição do cinematógrafo, mais uma das grandes aplicações da eletricidade devida ao grande gênio de Edison".

"É a história destes mais de noventa anos cinematográficos que tentarei contar através do presente livro", declara o autor e ressalva mais adiante: "Mesmo assim, há de me ter passado despercebido algum fato importante. Se for o caso peço desculpas pela falha". Mais adiante lança um esclarecimento: "este livro não pretende ser completo; é apenas um levantamento inicial e em novas edições poderá ser acrescentado e corrigido com a colaboração de cinéfilos e leitores, a par de novas informações".

Pois, então, vamos ajudar Anchieta Fernandes, que em sua pesquisa deixou de visitar pessoas e instituições de indiscutível importância, o que lhe poderia ter evitado algumas falhas e omissões imperdoáveis. É difícil de entender quando o Autor, mesmo afirmando que não pretendia esgotar todos os aspectos da história do Cinema em Natal, afirma em seguida:

"Registramos o que podemos anotar dessa história". Ele que parece tão arguto observador dos acontecimentos cinematográficos em Natal pôde anotar as eventuais exibições do cinema 180 na Av. Prudente de Moraes, pôde, registrar até que alguns proprietários de máquinas de projeção fazem exibições domésticas para familiares e amigos.

Não pôde no entanto registrar como fez a Imprensa, as centenas de exibições ao ar livre que agitaram culturalmente a periferia natalense, durante a década de oitenta. Como noticiava, por exemplo "O Poti", em sua edição de 28 de abril de 1991: "O cinema vai ao povo mostrar obra de Gorki". Ou a "Tribuna do Norte", do dia anterior que dedicou farto espaço ao evento. Um dos tantos realizados pelo núcleo de cinema e vídeo da Fundação José Augusto cujo trabalho é reconhecido nacionalmente.

Também "passou despercebido", um fato que nem o mais desinformado cinéfilo natalense ignora, os 10 anos

ÉCRAN NATALENSE

Capítulos da história
do cinema em Natal

ANCHIETA
FERNANDES

de Filmoteca do SESC, comemorados em grande estilo com uma mostra composta de alguns dos mais importantes clássicos do cinema mundial, alguns inéditos ainda em Natal. O SESC também foi responsável por alguns dos eventos que ficaram na memória dos cinéfilos da Cidade, como lançamento do filme: "Parafba Mulher Macho", em 1983, quando foi realizado em conjunto com o Cineclubes Tirol um debate em pleno Cinema Rio Grande com a presença da Cineasta Tizuka Iamasaki e a atriz Tânia Alves, com faixas e cartazes familiares do assassino de João Pessoa faziam um protesto, do outro lado cinéfilos, artistas e o público em geral defendiam a liberdade de expressão da Cineasta.

Anchieta Fernandes pôde ainda registrar a realização da mostra "anos 60, uma revolução estética" no Centro de Convenções, de 14 a 21 de maio de 1989. Não pôde no entanto anotar a mostra Kinoglasnost que aconteceu no mesmo local com a exibição de filmes Soviéticos dos anos 80, inéditos no norte e nordeste e um deles inédito nacionalmente, recebendo um público 2 vezes superior ao da mostra anterior. Também não pôde registrar a mostra do Cinema Cubano composta de 7 filmes em agosto do mesmo ano no mesmo Centro de Convenções, mas pôde registrar, ressaltar, anotar e destacar as três mostras realizadas pelo seu amigo Valério Andrade.

Não mereceu o menor registro Realizações importantes, como "O Cinema no Centro de Turismo" ano

82/83, quando o Cineclubes Tirol manteve 2 sessões semanais pelo período de um ano, interruptamente, ou o projeto "Paralelo 16", em convênio com vários sindicatos e associações de classe, e que possibilitou, no ano de 1987, 6 meses de programação alternativa na Academia de Letras,

Achamos mesmo que o papel do Cineclubes Tirol foi pouco considerado no livro e não falamos aqui de espaço (pois seria desnecessário outro livro para esgotar o assunto). Mas da pouca compreensão da importância dessa entidade na vida cultural natalense, como instituição educativa e como resistente à Ditadura Militar, quando teve papel destacado, tendo por várias vezes, filmes apreendidos e sócios indiciados em inquéritos.

FILMES FEITOS NO RN

No capítulo: Filmes feitos no RN, (como se já não fossem poucos), Anchieta omite três (3) importantes produções realizadas no RN. São os seguintes filmes: "Conversa com Cascudo", dirigido por Walter Lima Jr. "Sonhos de uma raça" de Fernando Monteiro, ambos dos anos 70. Este último produzido com o apoio da F.J.A.. E o famoso "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler", que documenta a importante campanha de educação popular do Governo Municipal de Djalma Maranhão. Filmado no ano de 1962, com direção de Heinz Fortmann. Um dos filmes mais exibidos desde 1982 em Natal em programações de sindicatos, associações de classe, escolas e Universidades pela importância do seu conteúdo. Bastava uma rápida visita ao acervo filmico da Fundação José Augusto e teria evitado essas omissões lamentáveis.

Infelizmente, Anchieta Fernandes quase bota a perder um trabalho que poderia ter sido melhor, não fosse a sua falta de critério e mentalidade provinciana. Ficou claro que o autor de ECRAN Natalense não anotou o que pôde e sim, o que quis anotar dessa história ●

HERMANO FIGUEIREDO É PRESIDENTE
DO CINE CLUBES TIROL

“MIOLO” é o título do trabalho que deu a primeira colocação a Iracema Maria Macedo Gonçalves da Silva, no Prêmio de Poesia Infanto-Juvenil Miriam Coeli, promovido pela Fundação José Augusto e patrocinado pela Prefeitura Municipal de São José de Mipibu. As inscrições foram realizadas no período de 10 a 21 de fevereiro.

O concurso de poesia, destinado a jovens de até 21 anos de idade é uma homenagem a poetisa Miriam Coeli, falecida há 10 anos.

As menções honrosas foram dedicadas a Celso Ribeiro Boaventura Junior com a obra “Caulé”; Alexandre Neves Moreira, com “As paisagens Envelhecidas” e Ana Paula de Oliveira, com o livro “Da pausa ao Grito”.

O prêmio, no valor de cinco salários mínimos, levou, tanto Iracema, como aos três jovens que receberam a Menção Honrosa, a participarem do concurso. A explicação dada por eles, revela a clara consequência da atual situação financeira, ora passada no país, refletida também nos jovens poetas.

Todos, no entanto, concordam que o prêmio é um incentivo, um reconhecimento do trabalho, mas acima de tudo, permitir que outros poetas o conheçam. Isto é muito importante para eles.

Iracema, 21 anos, escreve poesias há seis anos. É formada em Filosofia pela UFRN e já participou de outro concurso de poesia, através da Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura do Natal, em 1990. Seu trabalho, “O cavalo caiu de mim”, recebeu menção honrosa. Faz parte do grupo de poesia denominado “VALE FELIZ”, composto por Alexandre Neves, Celso Boaventura e Eli Celso. Este grupo publicou em 1991 um livro, que teve título também de Vale Feliz.

O trabalho de Iracema, “Miolo”, consiste em uma coletânea de poemas, uns mais antigos, outros mais recentes. Define sua poesia como “Coloquial entre as próprias coisas”. “Uma poesia de coisas concretas, como bicho, faca, colher, etc.” “Poesia que tem cheiro, gosto e é palpável”, essa é a interpretação dada por Celso Boaventura Junior, às poesias de Iracema.

Para ele, “ela é a menos abstrata,” do grupo ●

Isto seria uma anotação de bordo em terra firme enquanto acontecem por aí as inevitabilidades e milagres
Armarei a tenda e farei o fogo e as abelhas
outro fogo tecerão no escuro. Porque espero
e é vivo pulso e a fenda entre as pernas
e um olhar mais curto um pé mais coxo
Outro dia distâncias e poderes

Jogo dados e baralho entre os marujos.guardo.
O mar não fecham, isto entendo junto com o que em mim
se dilata e se espreme
sem que o movimento me pertença

Alheia é a lei que me tange e não há confins
onde aquietar-se este riso de sombra o risco
Que havia medo era mais que constatado
mas se entendeu que o medo inventa
coragens e pândegas

Jogando dados e bagres e embaralhando os naipes
não me perco e bússolas para mim são essas coisas
que sempre apontam para nortes (di) versos

Iracema Maria Macedo Gonçalves da Silva
1º lugar no Prêmio de Poesia
Infanto-Juvenil Miriam Coeli da
Fundação José Augusto



CHEIRO DE POESIA

DE COMO RESENDE NOS VÊ

Membro de um grupo de intelectuais que se dispuseram a renovar a literatura nos anos 50, o mineiro Otto Lara Resende completou 70 anos. Tem cinco livros publicados—quatro de contos e um romance, “Braço Direito”, que está reescrevendo e pretende relançar ainda este ano. Escritor e jornalista ocupa, há um ano, o cargo de conselheiro editorial no jornal Folha de São Paulo, onde publica seus artigos.

Em 1945, juntamente com sua esposa Helena, Resende trocou sua amada São João del-Rei pelo Rio de Janeiro, onde reside até hoje. Com ele, seguiram seus conterrâneos, todos escritores, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino. Além da data emblemática do Dia do Trabalho, Otto comemorou seu natalício com outras figuras nacionais como José de Alencar e Afonso de Arinos.

Além das cinco obras de sua autoria já citadas, foi publicada em janeiro uma antologia de seus contos, sob o título de “O elo Partido e outras histórias”. Embora não conste os créditos, foi seu grande amigo Dalton Trevisan, que selecionou as histórias, editadas pela Ática.

ESPERANÇA

Otto Lara Resende não se considera um cético, apesar de saber que é muito difícil alguém, com a passagem do tempo, não ser indiferente ou negativista do ponto de vista moral. “Eu acredito, não consigo ser um pessimista em relação ao Brasil, onde está imperando esse negativismo, sobretudo nos jovens”, afirmou Resende em entrevista à Folha de São Paulo. O escritor reconhece que a nação está passando por um período de baixa, mas que é passageiro. “Vivemos durante muito tempo uma fase ufanista, todos os conceitos de uma sociedade justa e ideal foram lançados num liquidificador. Para quem acreditou dogmaticamente nesses postulados sociais e vê tudo desabando é muito difícil acreditar com a mesma fé”, analisa.

No entender do escritor mineiro, o principal postulado para restabelecer a confiança no Brasil é deixar que o país respire livremente: “Assim como a natureza não dá saltos, a política também não. O Brasil não vai amanhecer diferente, nós não vamos virar o povo alemão ou o japonês”, dispara Resende.

Otto Lara considera que a figura do Messias, criada para salvar o país de suas mazelas é completamente errada e mesmo, num certo sentido, abjeta. “Não se pode pensar em entregar a sorte de um país a um determinado cidadão, que como um Deus vai resolver todos os problemas, como por milagre.” adverte.

Na condição de testemunha de ascensão e queda de alguns dos maiores homens públicos do Brasil, Otto Lara Resende afirma que antigamente

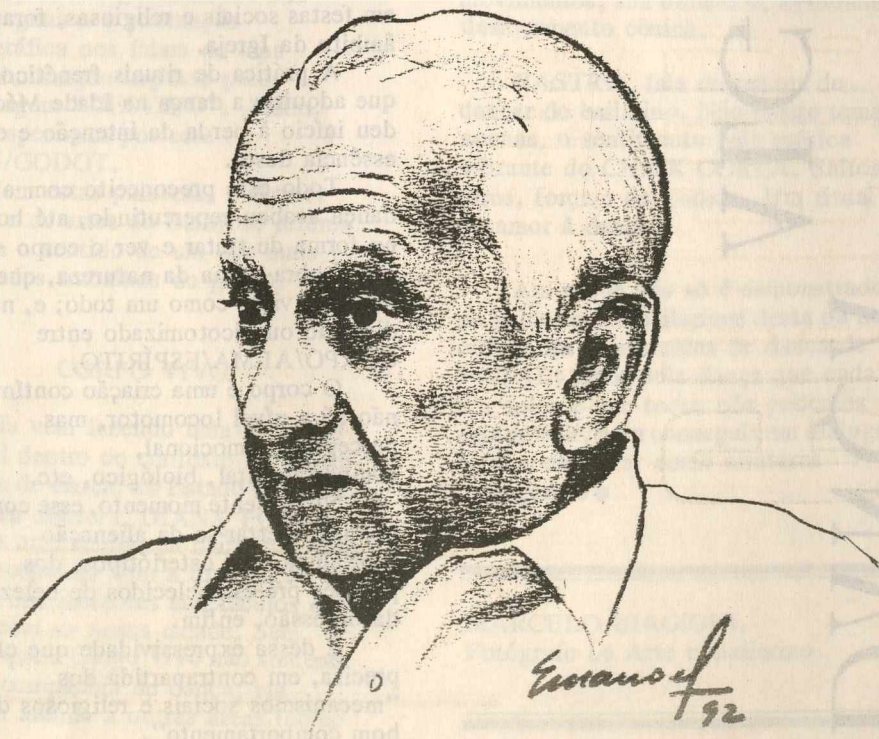
existiam figuras políticas consideradas ‘monstros sagrados’. “Em 1946, por exemplo, o político que tinha idéias avançadas, socialistas, era visto como um progressista. Ele encarava o futuro, inconformado com o presente e estava voltado para um tempo de redenção social”, lembra, indagando se esta visão não era fruto da juventude de sua época.

Resende acredita que o exercício da democracia tende a melhorar os homens públicos. Na sua concepção ainda existem entre os atuais homens públicos, elementos que se destacam pela qualidade intelectual e pela capacidade de expressão. E cita exemplos: “O próprio Presidente da Câmara dos Deputados, Ibsen Pinheiro parece um homem articulado, assim como os tucanos do PSDB, que constituem um colegiado intelectual, que raramente a política brasileira tem tido”, analisa.

JORNALISMO

Em uma análise franca sobre o papel do jornalismo impresso atualmente, o escritor entende que este veículo mudou para melhor, no sentido do jornalismo investigativo. Ao seu ver outro ponto positivo foi o ‘divórcio’ entre o jornalismo e a literatura. “Hoje o indivíduo com vocação literária não precisa mais passar pelo jornal. Antes isso era fatal”.

Questionado se sua trajetória foi mais fiel ao jornalismo ou a literatura, Otto Lara responde que é escritor por compulsão e que ainda não descobriu sua verdadeira vocação “aos 70 anos uma das perguntas que mais me intriga é o que eu vou se quando crescer?” ●



Otto Lara Resende

DANÇA ALGUMAS PALAVRAS CHAVE

MARCELO BIAGIONI

DANÇA, A Manifestação da alegria dos Deuses.

Em tempos de conscientização do ser humano, Era de Aquarius, as velhas tendências estão cedendo lugar a novas concepções, em termos globais, no que se refere ao comportamento e relação do homem com o mundo. Hoje, abordamos uma nova concepção filosófica, que se propõe resgatar a integridade humana a partir dos aspectos ESSENCIAIS, EXISTENCIAIS e RELACIONAIS.

Não esquecendo de levar em conta a educação fechada que o homem recebeu e fez com que ficasse limitado, restringido, perdendo então a sua condição holística / ou seja pretende-se ver o Homem como totalidade. (O Holismo é uma corrente filosófica que se propõe resgatar a integridade humana).

É nesse momento que a DANÇA se transforma numa das formas fundamentais de formação total do indivíduo, nos aspectos artístico e expressivo.

UM POUCO DE HISTÓRIA.

Observa-se o uso da dança como parte integrante da vida do homem.

Ela era usada nos tempos bíblicos para comemorações, casamentos, festas anuais e inclusive festejos de vitórias militares.

Com o tempo, a dança começou a ser afastada da liturgia cristã, por misturar tendências ditas pelo clero como "Profanas", diminuindo o seu uso litúrgico, e sendo usada somente em festas sociais e religiosas, fora do âmbito da Igreja.

A prática de rituais frenéticos que adquiriu a dança na Idade Média, deu início à perda da intenção e da essência desta.

Todo este preconceito com a dança acabou repercutindo, até hoje, na forma de tratar e ver o corpo — que é obra-prima da natureza, que deve ser visto como um todo; e, não, dividido ou dicotomizado entre CORPO/ALMA/ESPÍRITO.

O corpo é uma criação contínua, não só a nível locomotor, mas perceptivo, emocional, comportamental, biológico, etc.

No presente momento, esse corpo precisa libertar-se da alienação capitalista, dos estereótipos, dos padrões pré-estabelecidos de beleza, da opressão, enfim.

É dessa expressividade que ele precisa, em contrapartida dos "mecanismos sociais e religiosos do bom comportamento".

A DANÇA EM NATAL.

Dentro de uma tal premissa é que algumas pessoas têm se dedicado ao cultivo dessa arte e vêm trabalhando e transmitindo — às vezes, silenciosamente — as suas experiências.

São várias as tendências e as Companhias de Dança que existem em Natal, algumas, até, com experiência a nível internacional.

Temos que reconhecer, que nem sempre o trabalho dos coreógrafos, quanto dos bailarinos, é devidamente gratificado; e, ao mesmo tempo, ressalte-se que eles, geralmente, sofrem algum tipo de preconceito, dentro do contexto em que vivemos.

Ainda: que lutam, também, às vezes até o cansaço, para conseguir algum tipo de apoio, ou de patrocínio para apresentações, viagens, etc. E, em várias oportunidades, é do bolso do bailarino e do coreógrafo que sai o dinheiro para bancar todo tipo de despesas.

Nesse sentido, nos últimos anos, têm esses profissionais da dança, tratado de dar uma maior importância à divulgação, e à publicidade de seus espetáculos.

Entre as pessoas que se dedicam por inteiro a difícil tarefa de transmitir conhecimentos e participar no âmbito da dança e da educação, na cidade, temos o Edson Claro, professor e mestre em Educação Física; Coordenador de Pós-Graduação "Lato Sensu" em Dança-Educação Física - FEC do ABC, São Caetano/SP. Além de Professor do Departamento de Artes da UFRN.

Atualmente, ele está na direção geral de ACAUÁ, COMPANHIA DE DANÇA DE NATAL.

O grupo ACAUÁ segue devidamente seu caminho. Jovem companhia, com nascimento oficial em janeiro de 1988, em Natal.

Hoje, mais madura, após cumprir boa parte de seus objetivos e respeitando o seu compromisso primeiro de valorizar os frutos da terra, tem na direção administrativa HOSANA MATIAS e KARENINE PORPINO, ambas integrantes do elenco oficial.

Durante estes três anos, paulatinamente, a ACAUÁ, vem se fazendo notar positivamente entre os profissionais de dança do Estado, do país, do exterior, e aumentando o número de público em suas apresentações.

Na lista de coreógrafos convidados, e artistas renomados,



para a montagem do seu repertório, citamos: ANA MARIA MONDINI, ARMANDO DUARTE, JAIRO SETE e LUIS ARRIETA.

Num dos últimos trabalhos apresentados, o grupo ACAUÁ pesquisa dentro das mais variadas tendências e técnicas de dança da atualidade, harmoniosamente variando do clássico ao jazz, modernos, até o afro.

Edson Claro adverte: "O fato de aparentemente estarmos extra-bem, e que tudo que conseguimos, e que pretendemos conseguir, só foi e vai ser possível mediante algumas palavras chaves: AMOR, GARRA, SACRIFÍCIO, DETERMINAÇÃO, REALIZAÇÃO e CORAGEM. Algo que nos impulsiona a seguir, a despeito de tudo, é sempre ter em mente que não adianta só questionar se o país não respeita as artes; mas, se o respeito conosco próprio caminha bem". (O último espetáculo apresentado por ACAUÁ, foi "TEMPO DE DUNAS" e "ONMADAWN", no teatro Alberto Maranhão, dias 7, 8, e 9 de novembro, com coreografias de Luis Arrieta).

BALLET MUNICIPAL

Foi criado em março de 1974, uma das mais tradicionais companhias de dança de Natal.

Seguindo os parâmetros clássicos de Dança, o Ballet Municipal vem trabalhando e elaborando uma evolução paralela ao desenvolvimento das diversas tendências vindas do exterior.

Atualmente, está sob a direção de Roosevelt Pimenta.

O último espetáculo, composto de três coreografias, apresentado no Teatro Alberto Maranhão, leva o nome "Exaltatio" com destaque para "Estação Desejo", e tem a assinatura de Anizia Marques, onde ela nos fala do desejo de IR e VIR, através do TREM/PASSAGEM, simbolizado pelos trilhos, escada, ponte, levando todos a um lugar não desejado.

Antes, dançam a Vida e a Espera como se a celebrassem.

A repetição de movimentos da minimal música de GLASS e SHANKAR extrapola atemporalmente a "estação". A gestualidade dos personagens e a pontuação coreográfica nos falam de uma individualização imposta pelo personagem "DESTINO". Assim, pois, esperemos por este TREM/GODOT.

Com estas palavras, o diretor cênico e de artes do Ballet se refere/ explica o sentido de um dos mais elaborados trabalhos do grupo.

CORPO VIVO

Ela vem fazendo uma evolução notável dentro do contexto atual, em matéria de dança, no Estado potiguar.

Sua diretora, DIANA FONTES, outrora uma renomada bailarina, vem se preocupando com a divulgação de muitos dos melhores espetáculos que acontecem na nossa cidade. Sem contar que a Corpo Vivo não somente é uma companhia de dança; ela também atende a outras áreas (como

produtora de espetáculos, escola de ballet, aeróbica).

Os últimos trabalhos apresentados no Teatro Alberto Maranhão pela Companhia são os seguintes:

"ENCONTROS E DESPEDIDAS", "RASTRO", "PRIMEIRO BEIJO": trabalhos coreográficos, estes, que levam a assinatura de Marcelo Moacir e Diana Fontes.

RASTRO serve como exemplo, como amostra do potencial inspirado do próprio bailarino, mostrando seus movimentos, sua dinâmica, agilidade, deslocamento cênico.

RASTRO, fala do prazer de dançar do bailarino. Não existe tema: apenas, o sentimento pela música vibrante do CHICK COREA. Saltos, giros, força e delicadeza. Um ritual de amor à dança.

Amor que não só é demonstrado no palco, pelos bailarinos desta ou de outras das companhias de dança de NATAL; amor pela dança que cada um deles e que todos nós podemos deixar fluir, para conseguir um diálogo total e melhor para criaturas inteligentes ●

MARCELO BIAGIONI,
Fotógrafo de Arte e Bailarino

PRINCÍPIO

O poema vem de longe e de perto, chega
de mil antanhos e lugares:
poças d'água e gregos mares
o poema navega.

Na quinta onda sob a prancha
do surfista e outras passageiras
danças, sem partituras ou maneiras,
o poema descansa.

No átimo em que se ousa
algo eterno e fugaz,
entre o ser e o não é mais,
o poema repousa.

No arco entre a carreira
e o mergulho do nadador,
no salto do peixe e no ar que cortou,
o poema espera.

Em causa e coisa,
nas rendas e labirintos de antes
e depois, na trama dos instantes,
o poema pausa.

Na longa história enfeixada
na menor pedra que guarda secreta
biografia do planeta,
o poema aguarda.

Onde paira o enorme
ou o infinitesimal ondeia,
em arenito e areia
o poema dorme.

Na sala de ser, estreita,
na sala de estar sozinho
e outras salas do destino,
o poema espreita.

O poema esteve onde sempre esteve:
ao alcance da mão,
sob todos os passos,
o poema vive.

Paulo de Tarso Correia de Melo

ODE À CIDADE DE NATAL

Agora que te percorro
sem esperar surpresas
e a morna insídia
do rito cotidiano
não ultrapassa o tédio
das páginas locais,
agradeço a tarde
que oxida teu mar
constante abrigo
ao exílio renovado.
Agora que a festa
não mais me ilude
nas calçadas e gasto
o sobejo do sonho
na dura intimidade
do teu itinerário,
comove-me a luz
triplanã que te limita
próxima e familiar
como dor cultivada.
Agora que te restauro
com ruínas noturnas
na memória de cidades
que não foram vis
e crescem fiéis
nas pontes de distância,
confesso-te o amargo
amor que te inaugura
pertinaz e clara
estação transferida.

Franco Jasiello

INOVACÃO ACADÊMICA

Proposta de novas disciplinas acena com mudanças positivas no Curso de Letras da UFRN a partir de 1993.

Modernização. Uma palavra que transborda conceitos apregoados pelas técnicas de um final de século marcado sob a esterilidade das idéias, e vai desaguar nos bancos da universidades brasileiras. Pensada como nova disciplina a entrar no Currículo da Graduação normal e Mestrado do Curso de Letras a partir de 1993, a Literatura Comparada, de acordo com o Professor Eduardo Assis, defensor da matéria na UFRN desde meados de 1991, servirá para "favorecer um estudo intertextual afastando a idéia do texto único, fruto de um único sujeito". Além disso, Assis também argumenta que o texto hoje em dia é visto em processo, cada escritura pressupondo leitura.

Abreviadamente, a disciplina de Literatura Comparada possibilita a relação de um texto com outros, atualizando os estudos literários. Tanto no Rio Grande do Norte como no Nordeste em si, tratar-se-á de Mestrado absolutamente inédito, expandindo os horizontes do conceito acadêmico. Com a entrada da disciplina no novo Currículo, é quase consenso no Departamento de Letras do CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, que o estudo da Literatura Brasileira vai poder se estender em função do confronto com as outras literaturas abordadas. Eduardo Assis acrescenta que o estudo moderno de uma Literatura Brasileira, passa obrigatoriamente pela leitura de outras literaturas internacionais. "Literatura Brasileira é investigação de aspectos literários, e não apenas nacionais", lembra. Por ótica mais simples, a teoria pode ser entendida a partir do próprio Modernismo Brasileiro, que seria analisado de seu ponto de partida, a França, em Valéry, Mallarmé e Rimbaud, associados a Mário e Oswald de Andrade nas terras tropicais.

O novo Currículo deverá estar adequado à entrada da nova disciplina: na Graduação normal, segundo prevê a Coordenação do Curso de Letras, dois períodos corresponderão ao tempo necessário para que entenda-se literatura Comparada a partir de sua re-

lação com Artes tão diversas como Cinema, Arquitetura, Música e Pintura, entre outros campos do conhecimento humano. Desse ângulo, percebe-se que a proposta de Assis, em sua própria definição, "parte para uma direção intertextual e intersemiótica no sentido interdisciplinar, vendo os vários códigos e linguagens atuando no campo da Literatura".

CRITÉRIOS

Um critério preponderante usado pelo Departamento de Letras na opção por Literatura Comparada, foi o aspecto legal decorrente de exigência da CAPES, quanto ao mínimo de doutores requisitados para o Mestrado. Chegava o momento de unir especialistas das diversas cadeiras (Teoria Literária, Semiótica, Literatura Inglesa, Literatura Portuguesa, etc), concebendo-se o comparativismo pretendido nas relações de uma literatura com outra. Apesar da disciplina também fazer parte há muitos anos dos currículos de outras universidades, a idéia de sua aprovação na UFRN passou por ampla discussão com os Professores Doutores. "A Literatura Comparada é uma contribuição que a UFRN estará dando para a melhoria do ensino no Nordeste", acrescenta Eduardo Assis. Ele também destaca que tanto no Mestrado como na Graduação normal, a metodologia de ensino da nova cadeira será inteiramente intertextual através de "jogos comparativos".

O professor tem razões de sobra para comemorar o novo Mestrado, que possui nome extenso: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem nas Áreas de Literatura Comparada e Linguística Aplicada. Outros estados nordestinos já mostraram interesse em conhecer o projeto de perto, movidos pelo ineditismo da proposta que deverá ser viabilizada em 1993. Entusiastas da idéia argumentam que sua adoção levará à atualização dos estudos literários em geral, a partir de alguns conceitos divergentes da antiga ótica acadêmica que associava a Literatura Brasileira a uma "fonte" na Europa, da qual o Brasil sorveria influências definitivas. "Veremos os vários tipos de diálogos que podem ser estabelecidos entre as literaturas, sem o ranço colonialista de que uma

é superior à outra. Faremos comparativismo sem preconceitos", enfatiza.

ALTERNATIVAS

Mais ousada parece a visão do Professor Francisco Ivan, colega de Eduardo Assis na Cadeira de Literatura Brasileira, e principal incentivador da disciplina Ciências da Linguagem como Pós-Graduação. É clara a definição da matéria: "Forma transdisciplinar capaz de explicar, na medida do possível, toda classe de fenômenos de função na linguagem da Comunicação". Segundo Ivan, a opção por Literatura Comparada "revela uma linha bastante especializada", enquanto o outro caminho englobaria todo o universo das linguagens: da Arquitetura à Música, abrindo um grande leque de opções em ciências como Linguística e Informática; "o ensino da Informática num curso de Pós-Graduação redimensionaria os parâmetros da Literatura. Não se pode mais pensar em Literatura sem essa carga de Arte que está implícita na Computação", aduz entusiasmado.

É dessa forma que a disciplina estaria aberta à pesquisa universitária, e não apenas às pesquisas isoladas do aluno de Letras ou de História, para citar alguns. Interpretado como parte de um projeto novo e ousado, o curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem ainda possibilitaria cursos de extensão ministrados por doutores de universidades diferentes, levando à elaboração de outras teses.

Francisco Ivan lembra que a Pró-Reitoria da UFRN chegou a promover uma conferência sobre o tema 'Problemas de Pesquisa em Pós-Graduação', quando concluiu que a perspectiva da disciplina se deparava com a visão de Pesquisa do Ministério da Educação, ou seja, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa incentiva a Pesquisa Inédita, com professores de Filosofia, Antropologia e Geografia (disciplina de Cartografia) francamente interessados no projeto. Ivan chega a frisar que a disciplina não se trata de Pós-Graduação em nível departamental, e sim relacionada diretamente ao CCHLA e à própria UFRN. "Encaro como um elogio o fato da nossa equipe ter achado o projeto ousado", arrematou.

Larim, Toré, Babá

Roberto Pereira

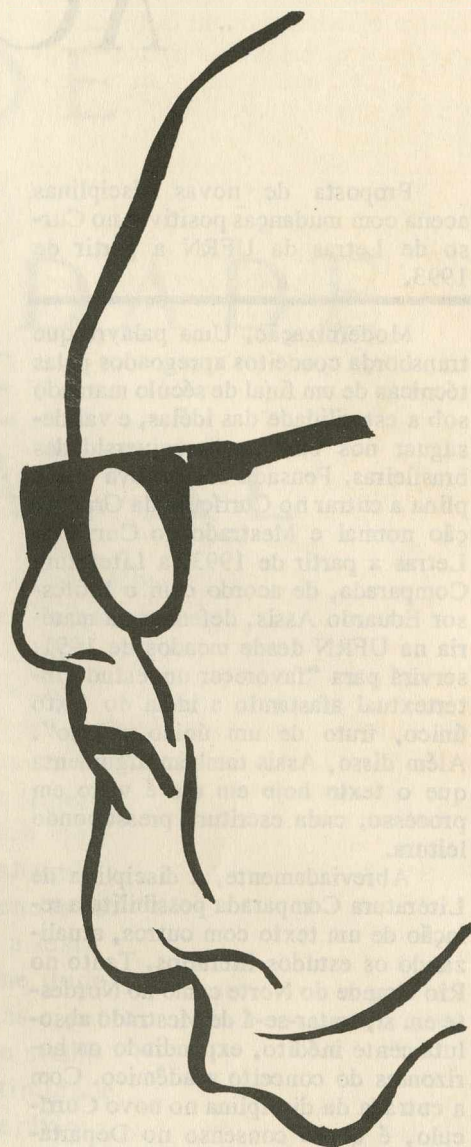
Quando meu pai, Nilo Pereira, escritor, e o grande folclorista brasileiro Lufs da Câmara Cascudo encontravam-se, quem não os conhecesse, pensava-os inimigos ou até, não sei se exagero, “amalucados do cão”, expressão muito do gosto de ambos. “É que eles faziam um jogo de cena com troca de abraços, quase um entrecortar de tapas, de alguns poucos gritos espalhafatosos, para no final, afetuosamente, haver os cumprimentos dos amigos-irmãos e a saudação com essas palavras “larim, toré, babá”, código secreto, comum aos dois, provocando nas assistências presentes, uma risadagem total.

Realmente, a impressão era de que os dois, por diferença ou inimizade, negando o Humanismo talhado em seus escritos, se engolfariam, de fato, numa luta corporal. Na verdade, o que havia era uma forte interação entre eles, aparentados pela benquerença tecida pelo tempo e pela solidez do caráter, sem falar na inteligência, traço maior de identidade entre Nilo e Cascudo, rio-grandenses-do-norte de boa cepa e de índoles nordestinamente fortes e amenas.

Dentre as conceituações de Cascudo sempre me vem à mente: “O amigo é um parente por vocação; o parente é um amigo por obrigação”. Tal assertiva dimensiona bem o gostar e o amar entre as pessoas, mais sólidos, quando conjugados na espontaneidade, no gesto do querer bem, sementes brotando e criando raízes quanto mais se adentram no tempo e pondo-se à prova diante dos fluxos/refluxos da vida.

De uma feita, ao ensejo de uma conferência proferida por meu pai, em Natal, da tribuna, a plenos pulmões, as suas palavras desfilavam, num brilhante improviso, eis que da platéia, um sapato voa alto em direção à cabeça do orador, de quem mereceu este desabado: “só pode ser coisa do meu dileto Cascudo” — o que fê-lo levantar-se e agradecer, menos como réu confesso e mais como amigo de fé, a acusação consonante com a verdade. O “velho Berbelho — assim o chamava Nilo Pereira — certamente não ficaria satisfeito se outro fosse o nome lembrado ou apontado. Primeiro, porque era ele traquinas, brincalhão todo; segundo, porque somente Nilo dava-lhe essa confiança, uma quase liberdade/amizade.

Nessa palestra, após a sapatada recebida, Nilo Pereira aproveitou o momento para, em rápidas palavras



traçar o perfil cascudeano, elogiando-lhe o estilo e as tiradas, o ex-professor, guardado na memória, como exemplo de quem pode ministrar a cátedra sem a casmurricie de alguns sisudos acostumados às distâncias regulamentares dos alunos, como se o ensino não fosse um ato de amor, uma pedagogia da amizade. Recordou, ao clima humorístico estabelecido, o fato de ter testemunhado o “velho Berbelho” dançar durante uma aula, numa coreografia interpretativa do assunto versado, salvo engano, sobre cultura afro-brasileira.

Ao final do parêntese aberto, por Nilo Pereira, à conferência que vinha proferindo, tantos os adjetivos qualificados à pessoa de Cascudo, que este, posto de pé, vozeirão dominante, resumiu-se à sua já clássica assertiva — “O elogio é mentira, mas é gostoso”.

A primeira vez que assisti, eu e meu irmão, em Natal, ao encontro/

reencontro de meu pai com Câmara Cascudo, deixando-nos tanto eu quanto Geraldo, ficar perplexos, atônitos com o quadro que se nos afigurava. Neste dia até trocas de-ponta-pés houve num balé que hoje compreendo como passos/compassos da amizade, da fraternidade mútua. Na ocasião, ficamos perfilados, de prontidão, porque, se caracterizada a briga, nós, seus filhos, oh! Nilo!, teríamos agido com a força da nossa juventude, muito embora nada valesse diante da bravura da inteligência desses dois notáveis “papa-jerimums”. Só depois, para alívio nosso, soubêmo-lo ser o “velho Berbelho”, o inexcusável folclorista brasileiro, sendo e fazendo folclore a seu modo, no melhor estilo cascudeano.

As cartas de um para o outro são hoje relicários do pensamento nacional de como dois escritores podem, entre jocosidades e amenidades, promover, com seriedade, o intercâmbio de dois

As cartas de um para o outro são hoje relicários do pensamento nacional, de como dois escritores podem, entre jocosidades e amenidades, promover, com seriedade, o intercâmbio de dois saberes universais e ao mesmo tempo regionais, porque tanto um como o outro, eram fiéis ao seu "petit pays". De Natal, quando sobre o envelope vinha a destinação: "Ao Barão de Guaporé", em casa, todos nós já sabíamos: carta de Cascudo para o pai.

Cada missiva de um ao outro era sempre precedida da saudação de congratamento recíproco: "larim, toré, babá".

Que beleza de amizade, de confraternização entre pessoas deste planeta tão severamente marcado pela barbárie, pela estupidez, ambições desenfreadas, deslealdades soltas, como se essa pudesse ser a tônica da convivência humana.

Estarrece-nos o fato de saber, pelas páginas da "Veja-28 graus", que o Brasil nega ao escritor

Câmara Cascudo a sua esfíngie nas cédulas de 50 mil cruzeiros, sob a alegação de que, mercê da inflação, a pilhéria de que aquela nota seria um cascudo do presidente Collor no povo brasileiro. Ora, ora, que viesse à tona a fina ironia da nossa gente, mas não faltasse a homenagem a esse grande homem do Rio Grande do Norte, que, acima do bem e do mal, circularia, mesmo que por um período, nas mãos do povo — e o povo quando teria acesso a esse dinheiro? — sendo o folclore itinerante. O cascudo não está em não cascadear as notas, mas em deixar a Nação vacante da imagem daquele que tanto retratou o seu povo, a sua gente. Pena a insensibilidade dos setores componentes, certamente, com o "referendum" presidencial, deixar-se perder a oportunidade da homenagem, porque gostosa, aos fiéis do legado cascadeano, inclusive por negar a blague que se feita, seria valiosa porquanto de motivos, para sorrir, continua à cata o povo alegre, o povo risinho deste País tão avassalado pela in-

flação constante e, por vezes, crescente, sem falar nas injustiças sociais enodoantes das nossas condições humanas.

Negado o riso, resta-nos o choro da saudade imensa de Luís da Câmara Cascudo, o vazio do tamanho da sua inteligência, além dos choramingos, a cada moeda, a cada cédula, a cada dinheiro, que hoje valendo 50 amanhã já lhe vão valores menores, viajantes do plano inclinado que tem por topo a inflação e por pilares ainda a paciência/tolerância do povo sentido dos valores financeiros, morais e espirituais.

Ao contrário da desvalorização da moeda, Luís da Câmara Cascudo, quanto mais se afasta no tempo, mais se vai da lei da morte libertando, como nos manda o poeta maior, o outro Luís, o universal Camões. Cascudo, por falta de decisão política, não vai de mão-em-mão: vai de coração-em-coração. Larim, toré, babá, dizemos nós, em unísono, com Nilo Pereira e com os Anjos dos Céus. Amém!

Um Projeto é bom quando é claro



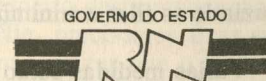
Cerca de cinco mil famílias natalenses ainda dependem do candeeiro, ou da lamparina, ou do lampião, para assegurar um pouco de luz nas suas

casas. Uma iluminação ineficiente e cara. O Governo do Estado cumpre mais uma vez seu compromisso de campanha, levando a essas famílias economia, conforto e, claro, luz. É o PROJETO CLAREAR.

Uma realização do Governo do Estado através da COSERN, melhorando a vida dos mais pobres, fornecendo mais luz, mais esperança!



Rua Mermoz, 150 — Cidade Alta



O IMPOSTO QUE VOCÊ PAGA,
PAGA A OBRA QUE VOCÊ VÊ.



Crítica

NELSON PATRIOTA

Este fim de semestre é um começo de renovação para a poesia norte-rio-grandense. Se até então prevalecia a má-fortuna literária que vem com a má poesia, tudo se encaminha para o epílogo feliz. Para tanto, três motivos são mais do que satisfatórios.

Primeiro, há um projeto a caminho, idealizado pelo poeta Jarbas Martins (finalmente de volta para uma temporada de trabalhos intelectuais em Natal), que pretende resgatar parte do acervo sonetístico do Estado. Com o sugestivo nome de "14 versus 14" (não esquecer a herança semiótica de Jarbas Martins e do seu *partner* nas artes gráficas J. Medeiros) a obra remete a 14 poetas e aos 14 versos do soneto, dando uma mostra substantiva desse gênero tão mal-amado mas tão essencialmente poético.

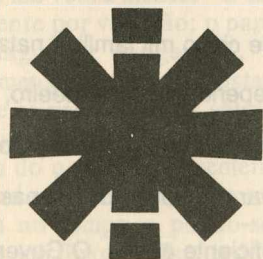
O segundo fato a favor da boa fase da poesia neste fim de semestre é a notícia de que o livro "Alma minha gentil", de Alex Medeiros, está finalmente na fase de composição na editora Clima. São, por acaso, 40 sonetos, e quem já leu algum soneto escrito por Alex sabe o que se quer insinuar aqui. A propósito, "Alma minha gentil" não nega suas raízes seiscentistas, mesmo porque se reporta claramente a Luís de Camões, que vem a ser talvez o mais célebre sonetista da língua.

Finalmente, a terceira razão para regozijo poético é o lançamento de mais uma obra da poeta Myriam Coeli cujos dez anos de desaparecimento estão sendo lembrados este ano. Trata-se de uma coleta de poemas até então esparsos, feita pelo também poeta Celso da Silveira (cúmplice da vida e da obra de Myriam). Celso

aproveitou o pretexto de criação de sua Editora Boáguia para respingar de boa poesia nossas vidas. Com isso, ganhou a poesia natalense, que tem em "Da boca do lixo à construção servil" e "Livro do povo" dois momentos da melhor produção de caráter social que inspirou Myriam Coeli, essa voz extremamente suave e lírica que parece, dez anos depois, ainda mais suave e mais lírica.

A rigor, são dois projetos em progresso — "14 versus 14" e "Alma minha gentil" — e um trabalho já definitivo — a coleta de Myriam Coeli. Isto quer dizer apenas que a poesia permanece não só no nosso presente, mas se projetando no futuro próximo, como apenas mais um mistério cotidiano do qual não sabemos nos desvencilhar. Felizmente ●

NELSON PATRIOTA É JORNALISTA



BEMGE

Banco do Estado de Minas Gerais S.A.

O cliente não gosta de perder tempo numa fila de banco, para pagar conta qualquer. Igualmente o seguro previdenciário que, além de não aprovar esse procedimento, enfrenta problemas maiores de doença ou velhice.

E este é um quadro que muitas pessoas têm de enfrentar todos os meses. Pensando neles, o BEMGE melhorou a sua qualidade de atendimento numa série de alternativas que estão reduzindo as filas e minimizando sofrimentos.

Várias medidas estão sendo adotadas para agilizar o serviço nos dias de maior frequência ao Banco. Na Agência de Natal, nos dias de pagamento dos aposentados e pensionistas do INSS, o BEMGE ampliou seu horário de atendimento, abrindo às 8 horas

e indo às 10 atendendo exclusivamente estas pessoas. Além disso, as recepcionistas passaram a recolher as assinaturas dos beneficiários nos comprovantes de pagamentos, antes deles chegarem aos caixas, tomando o atendimento ainda mais rápido.

É de ressaltar que o Ministro da Previdência Social, Reinhold Stephanes, visitou o BEMGE no mês de maio e elogiou o trabalho realizado com os beneficiários do INSS. O Banco foi mais além e apresentou ao Ministério uma lista de sugestões que podem ser adotadas por outros Bancos, para resolver o problema das filas.

O investimento do BEMGE na melhoria da qualidade de atendimento é a prioridade da aplicação dos bons resultados financeiros.



SE VOCÊ POUPA NO BEMGE, BOM SINAL.

O MELHOR JEITO DE FAZER POUPANÇA.

A Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte e a Unesco promoveram e realizaram no Rio de Janeiro do dia 18 a 23 de maio próximo passado, o 1º ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEU.

O objetivo do encontro foi discutir a filosofia do Ecomuseu e no final do evento formular uma proposta para um Plano de Ação destinado à Zona Oeste do Estado do Rio de Janeiro.

O Rio Grande do Norte estava presente e para nós foi gratificante porque, após poucos dias de apresentação de painéis e discussões sobre a filosofia do Ecomuseu, constatamos que Ecomuseu não é mais um tipo de museu como muita gente pensa; mas é a ação museal desenvolvida pela "instituição museu" junto à comunidade, onde o homem é o elemento mais importante e pulsante na ciranda da preservação do bem coletivo.

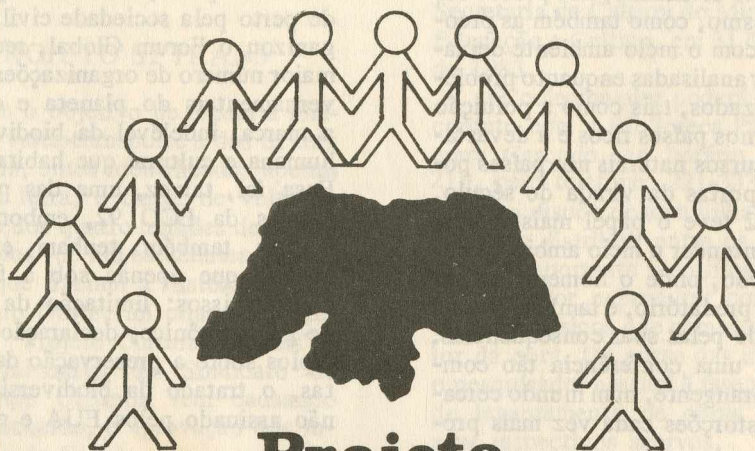
Ficamos muito satisfeitos, ainda, na participação do evento porque o que presenciamos e o que foi discutido, é nada mais, nada menos do que o trabalho que a Coordenadoria de Atividades Museológicas da Fundação José Augusto vem desenvolvendo há três anos, através do Projeto "Museus Comunitários - Uma alternativa para a Museologia do Rio Grande do Norte". Ficamos mais convictos da importância do nosso trabalho, quando o francês Hugues de Varine-Bohan, consultor para programa de desenvolvimento local e comunitário, proferindo a palestra "Ecomuseu - A Experiência Europeia", disse: "prefiro continuar chamando museu comunitário, a chamar de Ecomuseu".

O português Mário Moutinho na sua palestra "Ecomuseu - A Experiência em Portugal", falou da relação com a comunidade; e quando indagado de como se dava o trabalho com a comunidade respondeu que, teoricamente, parecia um pouco complicado, mas que na prática o processo era muito mais fácil. Endossamos as palavras do professor e doutor em museologia, pois a nossa experiência na região do Seridó com a implantação do museu comunitário de Acari, e na área da grande Natal, com o de Macafba, além do desenvolvimento dos trabalhos dos Museus Comunitários de Jardim do Seridó e Currais Novos, vem nos dando uma experiência ao afirmar e concordar que no trabalho junto com a comunidade, o resultado flui como por encanto. Hoje, não concebo a idéia da criação de um museu sem a participação direta da comunidade - na qual a instituição está inserida. Porque no meu entender, todo agente

MUSEUS COMUNITÁRIOS

Uma Opção Para a Museologia do RN

HÉLIO OLIVEIRA



Projeto Museus Comunitários

Uma alternativa para a Museologia do Rio Grande do Norte

comunitário é participante direto do fazer museológico - Um agente da conservação. O museólogo é o especialista gerenciador do processo e um estudioso das coleções que formam o patrimônio cultural da coletividade. Se não trabalhamos a comunidade no sentido de que ela é o mais importante bem cultural que está na sua própria jurisdição, isto é, o que está em sua casa, o bem do qual ela faz uso no dia-a-dia, ou seja: o prato em que come, a colher na qual ela leva o alimento à boca, o próprio alimento que ela produz e consome, a maneira com a qual o faz, jamais vamos conseguir que ela faça uma reflexão e passe a respeitar e conservar o patrimônio público, o bem cultural, pois a ação museal deve começar na nossa casa, para depois sair para a nossa rua, o nosso bairro, a cidade, o estado e o país, de forma que o homem seja o principal elemento da conjuntura na preservação do

patrimônio cultural como produtor-consumidor, respeitando o seu meio ambiente.

A palestrante Maria Célia Teixeira Moura Santos, professora da Escola de Museologia da UFBA, em um dos seus comentários extemou a preocupação de que o termo "ECOMUSEU" não virasse um modismo, como ocorreu com os memoriais e casas de cultura. Muitos dos que foram criados, nunca desempenharam o seu verdadeiro papel junto à comunidade.

A respeito desta preocupação de Maria Célia, precisamos ficar sempre alerta e não deixar que o termo "ECOMUSEU" seja mais um modismo •

Hélio de Oliveira
Especialista em Conservação e
Restauração de Bens Culturais Móveis
- Coordenador de Atividades
Museológicas da FJA.

UM GRITO PARA O FUTURO

Eugênio Cunha

1972, Estocolmo. O mundo civilizado se reúne para realizar a 1ª Conferência Mundial Sobre o Meio Ambiente.

1992, Rio de Janeiro. Por duas semanas, chefes de Estado de 114 países do planeta formalizam acordos em busca de uma sociedade mais justa e ecologicamente sustentável.

No intervalo destes vinte anos, entre as duas conferências, não só o mundo, dito civilizado, não parece ser mais o mesmo, como também as preocupações com o meio ambiente deixaram de ser analisadas enquanto problemas localizados, tais como a poluição industrial nos países ricos e a devastação de recursos naturais nos países pobres. Às portas da virada do século, a ECO 92 teve o papel mais importante de entender o meio ambiente como um todo, onde o homem, apesar de agente predatório, é também o mais prejudicado pelas suas consequências.

Mas, uma conferência tão complexa e abrangente, num mundo cercado por distorções cada vez mais pro-

fundas, dificilmente poderia acenar a garantia efetiva de um futuro assegurado. Por outro lado é impossível negar os avanços obtidos, seja a compreensão por parte dos governos e organismos oficiais dos riscos ambientais e suas repercussões generalizadas, como igualmente a necessidade urgente de soluções para tantos problemas.

Todas as discursões e jogos de cena, comuns em eventos diplomáticos desse porte, foram acompanhados de perto pela sociedade civil, que organizou o Forum Global, reunindo o maior número de organizações não governamentais do planeta e deixando a marca, indelével da biodiversidade humana e cultural que habita a terra. Essa foi, talvez, uma das principais marcas da ECO 92, embora outras marcas também tenham existido, mesmo que apenas sob a forma de compromissos: limitação da emissão de gás carbônico, declaração de princípios sobre a preservação das florestas, o tratado da biodiversidade, só não assinado pelos EUA e mais uma

série de intenções firmadas na Agenda 21 e Declaração do Rio, onde governos do mundo todo se comprometem a respeitar e reforçar os movimentos sindicais, ecologistas e populares em geral, as populações indígenas, destacando o papel das mulheres e reconhecendo tudo como integrantes do problema ambiental.

Mas, mesmo os mais otimistas não podem deixar de desconhecer que enquanto 80% dos recursos naturais existentes são consumidos pelos países ricos e que os países pobres, com 77% da população do planeta, tem acesso apenas a 15% da renda mundial um futuro mais verde ainda é pintado com cores negras. Essas diferenças são os verdadeiros inimigos do equilíbrio ecológico, destacando ainda a indústria da guerra, cujo orçamento mundial com armas consome algo em torno de um trilhão de dólares por ano ●

EUGÊNIO CUNHA
Ecologista, Professor da UFRN

“Nós procuramos dar uma contribuição, que acreditamos ser significativa, para o desenvolvimento industrial do nosso Estado”. Esta declaração, feita pelo Diretor Regional do SENAI, Dr. José Antomar Ferreira de Souza, sintetiza a linha adotada pela instituição no Rio Grande do Norte desde a sua criação, em 1953.

Nestes 39 anos de atividades, o SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL – SENAI, já formou cerca de 54 mil alunos, de 14 a 18 anos, nas diversas habilitações que oferece nos seus quatro Centros de Formação Profissional. Centro de Formação Italo Bologna, em Mossoró; Centro de Formação e Treinamento em Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, Natal; Centro de Formação e Treinamento em Confeções Clóvis Motta, em Natal e o Centro de Unidades Móveis, também na Capital.

O SENAI/RN possui cerca de 90 programas desenvolvidos anualmente nas áreas de confecção industrial, mecânica geral, marcenaria, eletricidade, segurança, medicina no trabalho e supervisão. Com todo esse potencial, já se caracterizou como formador de mão-de-obra técnica para o mercado de trabalho local, que procura os cursos do SENAI em grande número.



50 ANOS FORMANDO MÃO - DE - OBRA ESPECIALIZADA

Nestes 50 anos recém-completos pelo SENAI no Brasil, vários serviços foram prestados a toda a comunidade, atestando a qualidade do atendimento e a eficiência das atividades desenvolvidas. “Presto minha homenagem aos fundadores, aos que fizeram do SENAI o que ele é hoje, nos dando uma instituição séria e cômpenetrada, que promove o desenvolvimento”, diz o Diretor Regional e completa lembrando a responsabilidade de todos em continuar esse trabalho.



O GALO

Conta

“FEIRA DE CULTURA ESTUDANTIL”

A Fundação José Augusto vai promover nos dias 9, 10 e 11 de agosto, a primeira ESTUDANTÍADA — Feira de Cultura Estudantil, com o apoio dos Grêmios e direções dos colégios da rede oficial de ensino do Estado.

O evento acontecerá no Espaço de Natal, em comemoração ao dia do estudante (dia 11). Haverá barracas, espetáculos de dança, teatro e música, além da escolha da rainha dos estudantes.

“PRÊMIO DIX-SEPT ROSADO”

As inscrições para o concurso literário de ensaios políticos estão abertas de 29/06 à 16/09 no Centro de Promoções Culturais da FJA.

O objetivo do prêmio “Dix-Sept Rosado” é promover o interesse pela história política do Estado, incentivando a produção literária no campo do ensaio, além de prestar homenagem à memória desse homem Público.

SESSÃO CINECLUBE

A Fundação José Augusto está promovendo, através do Núcleo de Cinema e Vídeo, chefiado por Hermano Figueiredo, todas as quintas-feiras, às 20 horas, a partir do dia 16 próximo, em seu auditório, a “Sessão Cineclubes”.

Alexandre Nevski, importante clássico da cinematografia mundial, dirigido por Serguei Eisenstein, um dos maiores teóricos do cinema, abrirá a programação. Ainda para este mês, serão exibidos os filmes “Os Anjos de Cara Suja” e “O Gênio do Crime”, duas produções Norte-Americanas da década de 30. Um ponto em comum é a participação do então obscuro Humphrey Bogart, em pequenos papéis. Estes três filmes fazem parte do acervo da FJA, todos em bom estado de conservação, chamando especial atenção para “Os Anjos de Cara Suja”, cujas legendas em bom português da década de 30, quando a palavra farmácia era escrita com “PH” e “Heróe” em vez de herói, dão testemunho da originalidade da cópia. Uma raridade!

OTTO GUERRA

A Fundação José Augusto lançou durante a FELINA — Feira do Livro

de Natal, realizada no período de 6 de julho à primeiro de agosto no Natal Shopping Center, vários livros de escritores, “UMA VISÃO DO SEMI-ÁRIDO — 55 ANOS DE PRODUÇÃO”. Nesse trabalho, o escritor enfatiza a seca, apresentando textos de natureza social mais abrangente.

PROJETO SETRANS

Com o objetivo de mudar a imagem dos vales-transporte e dos tickets estudantis, antes identificados apenas por uma letra, e trazer de volta ao convívio dos quatro milhões de passageiros e dos 180 mil estudantes, personagens que fizeram a História do Rio Grande do Norte, foi criado recentemente o “Projeto Cultural Setrans”.

A iniciativa do Sindicato de Transportes Urbanos vem causando boa repercussão, e aprovação dos intelectuais do Estado.

A partir de agora, os vales-transportes e os tickets circularão com gravuras e imagens de personagens potiguares estampados, e, no verso, um pouco de sua história ou biografia.

FESTIVAL DE BRASÍLIA

O início do 25º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi adiado de 1º de julho para 7 de outubro, com inscrições também prorrogadas até 31 de agosto. Tomado quase que inteiramente por 25 curtas-metragens e apenas três longas (‘Perfume de Gardênia’, ‘Sampacu’ e ‘Oswaldianas’), o festival torna a aparecer num momento de franca estagnação cultural para o Cinema Brasileiro.

CONGRESSOS LITERÁRIOS

Quatro congressos promovidos pelo Governo da Paraíba deverão movimentar o panorama literário do Nordeste em 1992: ‘XI Congresso Brasileiro e Teoria e Crítica Literária’, ‘X Seminário Internacional de Semiótica e Literaturas Orientais’, ‘V Colóquio Paraibano de Estudos Portugueses’, e ‘II Fórum Campinense de Escritores Nordestinos’. Os eventos ocorrem no período de 13 a 19 de setembro em Campina Grande, e são coordenados pela Associação Brasileira de Semiótica/Regional da Paraíba.

PLANOR

A Fundação Biblioteca Nacional está desenvolvendo um projeto com

a finalidade de identificar, preservar e divulgar os acervos de obras raras existentes em todo o país, incluindo livros, mapas, partituras e documentos importantes para a memória nacional, que de alguma forma se encontram em mãos de particulares.

O Plano de Obras — PLANOR — foi criado pela Portaria nº 19 da Secretaria de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, em 31 de outubro de 1983.

O colecionador poderá entrar em contato com a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, no horário de 8h às 21h, pelo telefone: 221-3333. A Biblioteca dispõe de uma folha de instrução para distribuir entre os interessados. É importante identificar-se como colecionador e procurar conhecer os critérios básicos que comprovem o valor da obra. De posse das instruções, o pesquisador passará à fase preliminar de levantamento de obras raras nos seus respectivos acervos.

MEMORIAL DE TIRADENTES

Ritópolis, cidade mineira e local de nascimento de Tiradentes, prestígia o seu ilustre filho, com a inauguração do Memorial do Bicentenário de Tiradentes. Ao mesmo tempo, estende essa homenagem a todos os estados onde aconteceram movimentos de libertação nacional. No Memorial existe terra de localidades onde foram deflagradas insurreições populares e rebeliões.

O Rio Grande do Norte marca presença através do mártir da Revolução de 1917, André de Albuquerque Maranhão. Na oportunidade, o presidente da Fundação José Augusto, Iaperi Araújo, encaminhou, por intermédio do Secretário de Cultura da Paraíba, Everaldo Lucena, uma porção de areia do engenho Cunhaú (Canguaretama) - local onde fatos históricos da época foram registradas.

AUGUSTO SEVERO

Há exatamente 90 anos faleceu Augusto Severo de Albuquerque Maranhão. Abolicionista, republicano, matemático e sobretudo, o inventor do PAX. Morreu aos 38 anos de idade depois de sobrevoar Paris pilotando sua criação.

Em 1930, passando por Natal, o “Graf Zeppelin”, jogou uma coroa de flores sobre a estátua de Augusto Severo, localizada na praça que leva o seu nome.



JANELA ABERTA

Tomei conhecimento do trabalho de V.Sa. através da revista "Livrespaço" editada pela Rosana Chrispim e equipe poética. Sendo adepto da poesia gostaria de saber como poderia receber "O Galo". Lancei no ano passado meu primeiro livro de poesias "Janela Aberta" (CODPOE).

No aguardo de sua resposta, atenciosamente

Marinho Conde (Belém-PA)

SACO CHEIO

Por intermédio do BLOCOS nº 4, tomamos conhecimento de que existe a disposição dos interessados, uma nova política editorial, para esse jornal.

Além de desejarmos ter em nosso acervo uma assinatura do seu jornal, mais ainda queremos uma cópia da referida política editorial. Queremos saber o que é o GALO.

Certos que contaremos com sua valiosa atenção, subscrevemo-nos com

UM FORTE ABRAÇO.

Grupo SACO CHEIO de poesia
Piraju - São Paulo

O CANTO DO GALO

Li uma curta resenha sobre O GALO. Como sou escritor e jornalista fiquei interessado em divulgá-lo aqui em minha terra, para que outras pessoas tenham conhecimento e fazer uma possível assinatura. Peça-lhe que me envie um exemplar qualquer para que tenha mais conhecimentos sobre a publicação. Desde já, ciente de que me atenderão, agradeço..

Sucessos para vocês,

Jackson Rubem Alves - Irecê-BA)

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Tomamos conhecimento desta publicação através de Tânia Gabrieli, editora do Jornal Cultural Poemagia, e, através desta, vimos solicitar envio de exemplar da mesma para nossa apreciação.

Enviamos, anexo, exemplar de "Dicionário Português/Inglês de Locuções e Expressões Idiomáticas", primeiro volume da Coleção The Universal Series, juntamente com o respectivo release, para eventual divulgação.

Estamos preparando uma publicação periódica, cujo objetivo será divulgar a cultura produzida no Brasil e em outros países e, desde já, colocamos nosso espaço à disposição.

Informamos, ainda, nosso novo endereço para contatos e pedidos: R. Bittencourt Rodrigues, 88 - 3º andar - Cj. 304 - São Paulo-SP - CEP 01017.

Agradecemos a atenção e aguardamos contato.

Atenciosamente,

Nelson Viroto de Souza
Diretor de marketing - São Paulo

Cartas

PLIEGO DE MURMURIOS

De mi mayor consideración:

Tengo el agrado de dirigirme a UD. Saludandolo muy atte. - Después de conseguir su dirección en la revista "PLIEGO DE MURMURIOS" decidí escribirle acercándole alguno de mis trabajos, los cuales espero sean de su agrado.-

En lo que respecta a mi persona; le comento que soy socio de S.A.D.E. (Sociedad Argentina De Escritores, Seccional Azul) y coordinador juvenil del "CENTRO LITERARIO BARTOLOME MITRE".-

Tengo publicaciones en los medios periodísticos locales, en el boletín "EL ESPEJO SABIO", en las revistas "ALAS", "CONTRASTE", "LA HOJA DE ALICIA", "LA TINAJA", "ARCO IRIS"etc.-

Por último me permito solicitar información relativa a su revista "O GALO", suscripción y la posibilidad de publicar en ella.-

Sin otro particular lo saludo a UD muy atte y quedo al aguardo de vuestra respuesta.-

Hector Javier Belecco - Azul

MEMORIAL OSCAR BERTHOLDO

Nossa saudação e apreço, quando Nova Prata prepara-se para a realização do 3º Congresso Brasileiro de Poesia e 3º Encontro Latino de Casas de Poetas, de 30 de abril a 03 de maio/92, para os quais Vossa Senhoria está convidado a participar.

Anexo, o Decreto Executivo nº 1406 de 20 de janeiro de 1992, o qual cria Memorial da Poesia Brasileira Oscar Bertholdo, na Casa da Cultura, como homenagem a este Poeta reconhecido por todos e, principalmente pela comunidade pratense, pela sua participação e atuação no 1º Congresso de Poesia, realizado em 1990.

Deixamos os amigos poetas à vontade no que tange a doações de livros, para que possamos alcançar os nossos objetivos.

Comunicamos, outrossim, que a inauguração da Sala Oscar Bertholdo será durante o 3º Congresso Brasileiro da Poesia, quando poderão ser feitas as doações ou enviadas, antecipadamente à Casa da Cultura de Nova Prata, Rua Fernando Luzzatto, nº 06 - 95 320 Nova Prata - RS.

Sugerimos que todo o livro doado seja autografado para reconhecimento do autor e do fato, que marcará na História da Cultura do nosso Município.

Com os nossos agradecimentos, reiteramos protestos de elevada consideração.

João Carlos Schimitt
Prefeito Municipal

Erenita Davi Postinger
Presidente ACC - Nova Prata

HOMENAGEM

"O Galo" continua cantando em Nova Friburgo. Agora é o Augusto Carvalho de Muros, o cronista mais lido de Nova Friburgo quem homenageia "O Galo" em sua coluna, como sempre bondoso para comigo também (Veja Cópia).

Otto Lara Rezende também falou de "O Galo". Veja a repercussão nacional do jornal. Breve lhe prometo novidades.

Os exemplares deste mês já foram juntamente distribuídos aqui.

Um Carinhoso abraço do

Sérgio - Nova Friburgo

INTERCAMBIO CULTURAL

Gostaria de incluir o nome da sua publicação na seção "Intercâmbio Cultural", publicada no Jornal de Letras (página 7).

Você está recebendo o número 469. Uma edição recheada de entrevistas, resenhas, reportagens e atualidades culturais.

Espero receber alguns exemplares da revista "O GALO", a fim de estreitarmos os nossos laços.

Estou a seu inteiro dispor, no que puder ser útil.

No firmar do nosso intercâmbio cultural, despeço-me,

Carinhosamente,
Cláudia Agauz
Editora - Rio de Janeiro

AMOR DE MARINHEIRO

Natal mora em meu coração!

Eu, marinheiro, fui para af em 1950 (Base Naval) em 1953 me casei. Em 1954 regressel ao Rio. Agora moro em Florianópolis.

Preciso corresponder-me com pessoas daí para manter acesa a chama de minhas recordações. Os parentes de minha esposa, que moram aí pouco se comunicam. E você?!

Um abraço

Abel B. Pereira - Florianópolis

DIÁRIO POÉTICO

Este é o meu livro sobre Brasília, a cidade do poder, do vazio, do espaço, da arquitetura, dos monumentos, dos grandes conjuntos habitacionais, dos parques, dos cinemas, teatros, avenidas e distâncias...

Gostaria, que dentro do possível, fosse divulgado. É meu relato sobre a cidade, que chamo de "diário poético". Do tempo que vivi em Brasília, e do que aprendi com a cidade.

Caso divulgue o livro em forma impressa, gostaria de receber o exemplar.

Antecipadamente grato, espero notícias breve.

Do Victor Hugo Guimarães Rodrigues

Rio Grande, 7 de junho de 1992

RENATO MAZZE

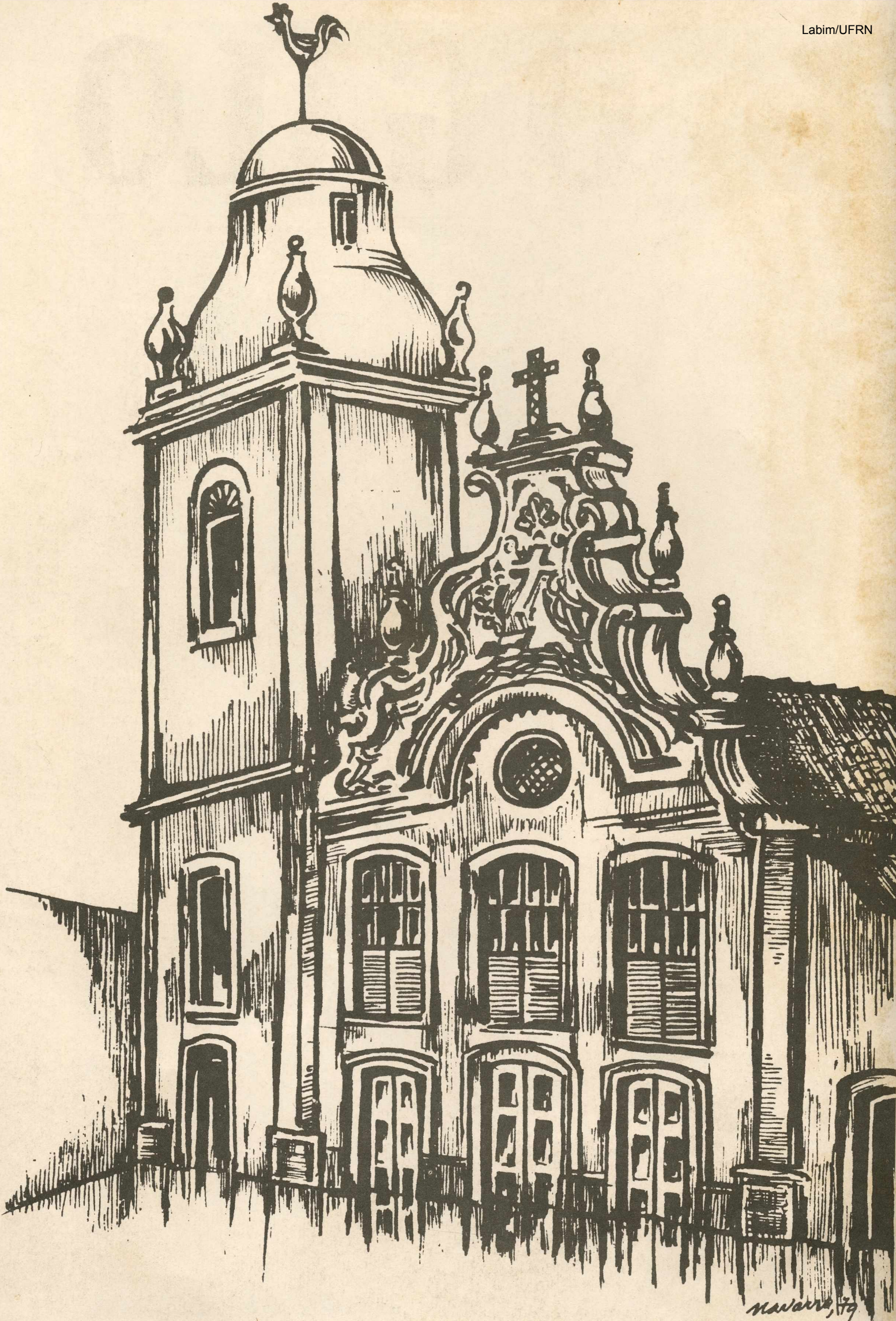
Vimos, pelo presente, solicitar o apoio da V.Sa. no sentido de divulgar o regulamento do CONCURSO RENATO MAZZE LUCAS DE CONTOS, de âmbito nacional, promovido pela Fundação Estadual de Cultura, através do jornal Intercultura-Vida das Artes, órgão de comunicação desta entidade.

Sendo o que se nos apresenta para o momento, contando com a sua colaboração, inserimos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente

Iara Santos Vieira
Chefe de Divisão de Edições

Aracaju (se tipo)



Aucides Sales - CAIPORA

